

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DAS CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE ARQUIVOLOGIA**

ANGELA HENDLER MOTA

**METODOLOGIA VERSUS TEMÁTICA: UMA ANÁLISE DOS TRABALHOS DE
CONCLUSÃO DO CURSO DE ARQUIVOLOGIA DA UFRGS**

**Porto Alegre
2018**

ANGELA HENDLER MOTA

**METODOLOGIA VERSUS TEMÁTICA: UMA ANÁLISE DOS TRABALHOS DE
CONCLUSÃO DO CURSO DE ARQUIVOLOGIA DA UFRGS**

Trabalho de Conclusão realizado como pré-requisito para conclusão do Curso de Arquivologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do título de Bacharel em Arquivologia.

Orientadora: Prof^a Ma. Valéria Raquel Bertotti

Coorientador: Prof^o Me. Francisco Alcides
Cougo Junior

**Porto Alegre
2018**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitora: Jane Fraga Tutikian

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Karla Maria Müller

Vice-Diretora: Ilza Maria Tourinho Girardi

CHEFIA DO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefia: Jeniffer Alves Cuty

Chefia Substituta: Eliane Lourdes da Silva Moro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M917m	Mota, Ângela Hendler Metodologia Versus Temática: uma análise dos trabalhos de conclusão do curso de Arquivologia da UFRGS / Ângela Hendler Mota. - Porto Alegre, 2018. 83 f.: il. color. Orientadora: Prof ^a Ma. Valéria Raquel Bertotti. Coorientador: Prof ^o Me. Francisco Alcides Cougo Junior. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Arquivologia, Porto Alegre, 2018. 1. Arquivologia. 2. Pesquisa Científica Arquivística. 3. Iniciação Científica. 4. Metodologia da Pesquisa. 5. Classificação Temática de Pesquisa. I. Bertotti, Valéria Raquel. II. Cougo Junior, Francisco Alcides. III. Título. CDU 930.25
-------	---

Catalogação na Publicação: Silvana Silva da Silva (Bibliotecária - CRB-10/ 2440)

Departamento de Ciências da Informação

Rua Ramiro Barcelos, 2705

Bairro Santana – Porto Alegre – RS

CEP: 90035-007

Fone: (51) 3308 5067

E-mail: dci@ufrgs.br

ANGELA HENDLER MOTA

**METODOLOGIA VERSUS TEMÁTICA: UMA ANÁLISE DOS TRABALHOS DE
CONCLUSÃO DO CURSO DE ARQUIVOLOGIA DA UFRGS**

Trabalho de Conclusão realizado como
pré-requisito para conclusão do Curso de
Arquivologia da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul para obtenção do título
de Bacharel em Arquivologia.

Aprovado em: ____/____/____

Conceito:_____

Banca Examinadora:

Profª Ma. Valéria Raquel Bertotti – UFRGS – Orientadora

Profª Ma. Marieta Marks Löw– UFRGS – Examinadora

Arquivista Bruna Argenta Model – UFRGS – Examinadora

DEDICATÓRIA

A toda a minha família, em especial a minha Mãe e ao meu Avô Querido, Alaíde Mota, que fez com que meus primeiros 11 anos de vida fossem a infância mais feliz que uma criança poderia esperar. Ele pode ter sido um Pai severo, mas foi um Avô nota Mil. Espero ter herdado toda compaixão, força e virtude dessa pessoa iluminada que nos deixou há mais de 20 anos.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a minha Mãe que é a luz na Terra para mim;

Às minhas sobrinhas que só trouxeram alegrias para minha vida e ao meu sobrinho emprestado por inserir tanto amor na nossa família;

A grande família que me cerca, incluindo os queridos do Paraná e de outros estados. À família da minha Tia Avó Maria que teve um papel fundamental na vida da minha Mãe e sempre nos receberam com tanto carinho;

Aos amigos que me inspiram: Paloma, Evelin, Aline, Fabiana, Cristiano, Isabel e Joyce;

Às Keridinhas que fazem parte da minha vida há mais de 10 anos: Lau, Mari, Dani, Fê e, em especial, a minha grande amiga Silvana Silva por todos os ensinamentos, pelo acolhimento único em dias de sol e dias de chuva;

Agradecimento especial a minha orientadora que teve muita paciência comigo nos últimos semestres do curso e com este trabalho. Ao coorientador que sempre esteve disposto a embarcar em novos desafios. Ambos me acompanharam de forma única nessa empreitada, apontando os buracos, indicando os equívocos e elogiando nos avanços. Tive um acompanhamento de primeira linha pelo qual me sinto muito grata.

À Prof^a Marieta por ter aceitado de pronto fazer parte da banca e que, em pouco tempo de UFRGS, já cativou muitos alunos;

Ao pessoal incomparável do Arquivo da Fabico (integrante ou ex-integrante) sob a chefia da Mara Arquivista, Bruna Argenta, em especial a: Carla, Letícia, Ismael, Bruno e Ana. Sem vocês eu não teria ânimo e forças para escrever este trabalho;

Ao PAPEArq por ser um grupo tão instigante;

Ao pessoal da Biblioteca da Fabico sob a chefia da Miriam Moema Loss que estão sempre disponíveis a nos ajudar, em especial, à Bibliotecária de Referência Josiane Gonçalves da Costa;

Aos “Tios do Xerox”, Abílio e Seno, que sempre nos atendem com tanto empenho;

A todos que diretamente ou indiretamente contribuíram para que esse trabalho fosse possível, desde a área acadêmica até os terceirizados que dia a dia estão nos acompanhando;

E a todos aqueles que acreditam na educação como um mecanismo transformador em nosso país.

“Muitas vezes usado de modo pomposo e outras tantas sem maiores cuidados, o termo ‘pesquisa’ guarda segredos que precisam ser descobertos como o interesse desencadeado pelas curiosidades humanas, mas também como se fosse fruto das teimosias infantis de perguntar os ‘porquês’ das coisas.” (FEITOSA, 2015, p.7)

RESUMO

O Arquivista é um pesquisador em sua essência. Ele inicia o seu trabalho levantando informações para o entendimento global da Instituição ao qual está vinculado. Esse tipo de pesquisa, o graduando em Arquivologia da UFRGS está familiarizado, porém existe aquela gerada no desempenho discente e docente e nos grupos de pesquisa. O desejo de saber mais sobre essa possibilidade de pesquisa intraacadêmica gerou esse trabalho. Esmiuçando o tema, decidiu-se focar no estudo dos caminhos metodológicos utilizadas nessa atuação. Este trabalho é um estudo descritivo sobre as temáticas e as metodologias de pesquisa utilizadas nos 102 trabalhos de conclusão do curso de Arquivologia da UFRGS. A amostra se refere aos trabalhos disponíveis de forma online no período entre 2008 e 2016. Os dados foram analisados quantitativa e qualitativamente. Na classificação temática, utilizou-se a tabela do *estado da arte* proposta por Juan Voutssás Márquez e para metodologia diversos autores. De acordo com os resultados, temos uma concentração de trabalhos nas temáticas do Grupo 2 (A Prática Arquivística) e do Grupo 5 (Arquivística no ambiente das Instituições e da Sociedade), seguidos pelos outros três grupos que se equiparam em número entre si. Em termos de metodologia, houve uma maior amplitude de nomenclaturas, destacando-se Pesquisa Exploratória, Pesquisa Descritiva, Pesquisa Bibliográfica, Pesquisa Documental e o Estudo de Caso. Os dados indicam que não há uma relação direta entre temática e metodologia, podendo haver uma correlação indireta.

Palavras-chave: Arquivologia. Pesquisa Arquivística. Iniciação Científica. Metodologia de Pesquisa. Classificação Temática de Pesquisa.

ABSTRACT

The Archivist is a researcher at its core. It begins its work by raising information for the overall understanding of the Institution to which it is linked. This type of research, graduating in Archivology of UFRGS is familiar, but there is that generated in the student and teaching performance and in the groups of research. The desire to know more about this possibility of intra-academic research generated this work. By focusing on the theme, it was decided to focus on the study of the methodological paths used in this action. This work is a descriptive research on the thematic and research methodologies used in 102 conclusion works of the Archivology course of UFRGS. The sample refers to the works available online in the period between 2008 and 2016. The data were analyzed qualitatively and quantitatively. In the thematic classification, the table of the state of the art proposed by Juan Voutssás Márquez and for methodology several authors was used. According to the results, we have a concentration of works on the themes of Group 2 (The Archival Practice) and Group 5 (Archival in the environment of Institutions and Society), followed by the other three groups that are equipped in number with each other. In terms of methodology, there was a greater range of nomenclatures, especially Exploratory Research, Descriptive Research, Bibliographic Research, Documentary Research and the Case Study. The data indicate that there is no direct relationship between the thematic and methodology, and there may be an indirect correlation.

Keywords-words: Archival. Archival Research. Scientific research. Research Methodology. Thematic Research Classification.

LISTA DE SIGLAS

AAERJ - Associação dos Arquivistas do Estado do Rio de Janeiro

FABICO - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

TCC – Trabalho de Conclusão

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Divisão por ano do número TCCs de Arquivologia coletados.....	36
Gráfico 2 – Evolução do número de TCCs de Arquivologia no Lume.	38
Gráfico 3 – Classificação dos TCCs por grupo temático.....	43
Gráfico 4 – Classificação Temática dos TCCs (Lume) na divisão por ano, período entre 2008 e 2016.....	45
Gráfico 5 – Local da de Explicação da Metodologia nos trabalhos.....	48
Gráfico 6 – Metodologia: nomenclaturas utilizadas pelos autores dos TCCs. ...	50
Gráfico 7 – Classificação Grupo Temático 1 e Metodologia.....	52
Gráfico 8 – Classificação Grupo Temático 2 e Metodologia.....	52
Gráfico 9 – Classificação Grupo Temático 3 e Metodologia.....	53
Gráfico 10 – Classificação Grupo Temático 4 e Metodologia.....	53
Gráfico 11 – Classificação Grupo Temático 5 e Metodologia.	54
Gráfico 12 – Acessos e downloads dos TCCs do Curso de Arquivologia da UFRGS, entre outubro de 2009 e maio de 2018, divisão por ano.....	56
Gráfico 13 – Acessos e downloads dos TCCs do Curso de Arquivologia da UFRGS, entre 2009 e maio de 2018, dados resumidos da divisão por País.....	57

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Cursos de Arquivologia no Brasil	26
Quadro 2 – Categorização das Pesquisas quanto ao seu intuito inicial,	31
conforme Antonio Carlos Gil.....	31
Quadro 3 – Categorização das Pesquisas quanto ao seu objetivo geral,	31
conforme Antonio Carlos Gil.....	31
Quadro 4 – Categorização das Pesquisas quanto ao delineamento,	32
conforme Antonio Carlos Gil.....	32
Quadro 5 – Categorização das Pesquisas quanto ao seu intuito inicial,	34
conforme Antonio Carlos Gil.....	34
Quadro 6 – Ensino de Metodologia, conforme o Prof. Maxwell Ferreira Oliveira.	35
Quadro 7 – Exemplos de Bibliografias específicas para determinados tipos de pesquisa.....	35
Quadro 8 – Resultado da Classificação Temática dos TCCs.....	39
Quadro 9 – Comparação entre o Estado da Arte e a classificação dos TCCs em Arquivologia da UFRGS entre 2008 e 2016, disponíveis no Lume.....	46

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	18
2.1 OBJETIVOS	20
2.1.1 Objetivo Geral	21
2.1.2 Objetivo Específico	21
2.2 HIPÓTESES	21
3 REFERENCIAL TEÓRICO	22
3.1 O SURGIMENTO DA DISCIPLINA ARQUIVÍSTICA	22
3.1.1 Disciplina Arquivística no Brasil	25
3.1.2 Arquivologia na UFRGS	28
3.2 INICIAÇÃO CIENTÍFICA E METODOLOGIA	29
3.2.1 Categorias Metodológicas da Pesquisa	30
4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS COLETADOS	36
4.1 CLASSIFICAÇÕES DOS TCCs PELA TEMÁTICA DE PESQUISA	39
4.2 METODOLOGIAS DE PESQUISA DOS TCCs	48
4.3 METODOLOGIA VERSUS TEMÁTICA	51
4.4 ACESSOS AOS TCCs DIGITAIS (Lume)	56
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	60
APÊNDICE A – Listagem dos Trabalhos de Conclusão do Curso de Arquivologia da UFRGS utilizados na análise	64
APÊNDICE B – Ilustração para classificação das grandes áreas temáticas	69
APÊNDICE C – Abordagens Teóricas da Arquivologia da Clássica à Contemporânea (versão resumida)	70
ANEXO A – Decisão 112/99 CONSUN/UFRGS - Criação do Curso de Arquivologia da UFRGS	76
ANEXO B – Resolução 3/2017 COMGRAD/AQL - Diretrizes e Normas do Trabalho de Conclusão em Arquivologia da UFRGS	77
ANEXO C – Relatório Lume sobre TCCs do Curso de Arquivologia da UFRGS, entre 2009 e maio de 2018	82

1 INTRODUÇÃO

O Arquivista é um pesquisador em sua essência. Ele inicia o seu trabalho levantando informações para o entendimento global da Instituição ao qual está vinculado. Dessa forma, ele estuda o contexto arquivístico dos documentos, ou seja, ele busca a legislação, o histórico institucional, os manuais administrativos, os organogramas, todos os documentos que podem ajudá-lo a entender como acontece ou aconteceu o trâmite dos documentos, como eles foram armazenados, onde eles estão e o que eles representam para a sociedade.

Esse tipo de pesquisa, o graduando em arquivologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS está familiarizado, porém existe aquela gerada no desempenho discente e docente e nos grupos de pesquisa nas instituições. Entre as temáticas possíveis estão o estudo dos suportes dos documentos, os documentos digitais, a situação dos arquivos nacionais, entre outros tantos assuntos.

O desejo de saber mais sobre essa possibilidade de pesquisa intraacadêmica gerou esse trabalho. Esmiuçando o tema, decidiu-se focar o estudo das metodologias utilizadas nessa atuação, pois a delimitação do tema e da metodologia, assim como sua descrição, é crucial para a pesquisa científica. Como e onde é feita a coleta de dados e a escolha da forma de análise vão influenciar o olhar sobre os resultados.

Por todas essas razões apresentadas, fez-se um estudo sobre a implementação da metodologia de pesquisa pelos alunos do curso de Arquivologia da UFRGS nos trabalhos de conclusão apresentados em anos anteriores. Relacionou-se a metodologia com a temática escolhida para observar se existe ou não uma relação entre elas.

Decidiu-se estudar essa universidade, pois é uma instituição de referência nacional que se sobressai nas avaliações do ensino superior no país. Em 2016, estava colocada na segunda posição no Índice Geral de Cursos - IGC, ficando atrás somente da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016).

A UFRGS é calcada em três pilares: Ensino, Pesquisa e Extensão. No entendimento de que:

A Pesquisa e a produção do saber dela decorrente são tidas como o grande diferencial da formação altamente qualificada de recursos humanos da

UFRGS. A transferência do conhecimento de ponta e das premissas da atividade de pesquisa para dentro das salas de aula de graduação ou de pós-graduação permite que se molde um cidadão ou uma cidadã pleno de saber, que saberá aplicá-lo com responsabilidade social, ambiental e ética. Tais paramentos credenciam os recursos humanos formados na UFRGS a mudar o mundo ao seu redor e estabelecer uma sociedade que seja cada vez mais digna, equânime e voltada para o bem estar de todos. Estar à frente do seu tempo é obrigação de uma universidade de excelência como a UFRGS e esta realização se dá pelo estímulo à criatividade, disciplina científica, mente aberta e flexível para a compreensão da evolução do saber e o impacto que ele tem sobre o próprio ser humano. E estas são as prerrogativas em torno das quais se dá o desenvolvimento da Pesquisa na UFRGS. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, c2018a).

Na parte do Ensino, a Universidade oferece 89 modalidades de cursos de graduação, dentre eles, está o de Bacharel em Arquivologia, o curso é direcionado para:

[...] formação do arquivista para o planejamento e implementação de arquivos, utilizando técnicas de gestão de documentos eletrônicos, tecnologias para a sua preservação e conservação, microfilmagem e digitalização em sistemas híbridos e as convergências de mídias e multimídias. Tem como objetivo formar um profissional capaz de disponibilizar informações arquivísticas em organizações públicas e privadas, contribuindo para o desenvolvimento de uma sociedade de melhor qualidade. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, c2018b).

A formação interdisciplinar desses alunos objetiva prepará-los para a comunicação frequente com as outras áreas do conhecimento. Pode-se acrescentar que a riqueza de informações resultantes da pesquisa científica acadêmica tem o poder de adicionar substancialmente nessa preparação. Adentrando nesse tipo de pesquisa, eles estarão mais instrumentalizados para propor novas ideias, soluções e questionamentos, levando conhecimentos diversos na sua atuação.

Nos últimos anos, observamos um espaço maior para a pesquisa acadêmica em Arquivologia na UFRGS com o aumento do número de laboratórios e de projetos de pesquisa. Essas mudanças estão indo de acordo com o que é divulgado como um grande avanço da área pela literatura.

Considerando toda essa prerrogativa desta universidade e o panorama da área nessa Instituição federal, é de relevância efetuar um estudo voltado para esse campo, que vem se ampliando, de pesquisa e produção de conhecimento em Arquivologia. Para isso, identificou-se a necessidade de iniciar com o estudo sobre as metodologias e temáticas de pesquisa utilizada pelos alunos nos trabalhos de conclusão.

Esse estudo poderá contribuir com o Curso de Arquivologia, incentivando os alunos nessa área tão rica e ampla que é a da pesquisa dentro da universidade. Assim também, um aumento do número de pesquisas poderá levar um maior retorno à sociedade do investimento por ela feito. Os resultados da pesquisa contribuem não somente com a área, mas com todas aquelas que tangenciam e utilizam documentos em diferentes suportes em sua prática.

Não há nada mais belo do que poder contribuir para o desenvolvimento do conhecimento humano, principalmente nessa área tão rica de sentidos e amplitude social e cultural. É um novo caminho que se abre para esses estudantes.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho é um estudo descritivo sobre as temáticas e as metodologias de pesquisa utilizadas nos 102 trabalhos de conclusão do curso de Arquivologia da UFRGS disponíveis no Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Lume¹. Os dados foram coletados entre os meses de março a maio de 2018.

A amostra se refere ao total de trabalhos disponíveis de forma online no período 2008 a 2016. Não foram utilizados os trabalhos de 2017, pois estavam sendo inseridos no repositório no período da coleta de dados. O estudo do total de TCCs se mostrou deveras trabalhoso, porém a proposta era ter uma visão panorâmica sobre esses trabalhos (APÊNDICE A).

Inicialmente, foi feita uma revisão da literatura buscando trabalhos relacionados à metodologia na pesquisa científica arquivística. Pelas dificuldades de encontrar trabalhos específicos, também foram analisados materiais sobre metodologias nas ciências sociais aplicadas e nas ciências da informação. Esse foi o contato inicial com o tema.

Após essa atividade, foram selecionados os trabalhos de conclusão no Lume. Efetuou-se o *download* dos arquivos, sendo salvos os trechos correspondentes ao título, autoria, ano, resumo e metodologia. Naqueles em que a metodologia não estava indicada em capítulo ou subcapítulo específico, verificou-se qual local do texto estava explanada. Dentro dos itens selecionados, produziu-se uma tabela com os seguintes itens: o título, o autor, o ano, as palavras-chaves e o resumo. A ideia inicial era realizar todo o estudo utilizando somente esses dados, porém, eles se mostraram insuficientes para análise.

A partir desse momento, foi longo o processo para a escolha da classificação a ser utilizada para as temáticas dos trabalhos. Distintos autores propõem uma classificação mais generalizada sobre as temáticas de pesquisa. Após longa discussão, optou-se por utilizar a tabela proposta por Juan Voutssas Márquez na monografia *Estado de la arte Archivística Iberoamericana a través de sus publicaciones 1986-2016* (VOUTSSÁS MÁRQUEZ, 2016) por se tratar de um estudo aprofundado que utilizou mais de três mil publicações para classificar a temática na

¹ Lume é o nome próprio atribuído ao Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que significa manifestação de conhecimento, saber, luz, brilho.

área. Foi possível perceber também que a proposta do autor correlacionava-se melhor com os objetivos do presente trabalho. O termo *Estado da Arte* parece ainda um pouco desconhecido no meio arquivístico, mas se apresenta como algo promissor para balizar o estudo do desenvolvimento da área. Para melhor compreensão da proposta desse autor, foi feito um esboço de desenho para compreensão das grandes áreas (APÊNDICE B).

O processo de classificação das temáticas se mostrou um processo mais complexo do que se havia esperado. Analisar qual é o ponto chave da monografia, apesar de parecer algo simples, apresenta suas nuances. Em alguns trabalhos havia um enfoque direto, porém em outros mais de uma temática pareciam disputar o patamar de tema principal. Havia-se pensado em utilizar as palavras-chaves para dirimir essas ambiguidades, porém elas não se mostraram eficazes para esse processo.

No recorte teórico sobre metodologia, foi dada preferência aos entendimentos mais abrangentes por se tratar de uma pesquisa inicial. Os aspectos do fazer científico são amplamente estudados e esmiuçados por diversos autores. Desde os paradigmas que dão suporte aos fundamentos das pesquisas até os aspectos específicos de cada método ou técnica. Neste trabalho, utilizaram-se as classificações indicadas dos chamados “manuais” sobre metodologia científica que propõem um entendimento mais amplo do assunto.

Outra delimitação importante foi a utilização da classificação metodológica explicitada pelo autor de cada TCC. Assim, essa pesquisa utilizou termos e explicações dos próprios autores. Essas classificações foram utilizadas na análise pelo entendimento de que os mesmos teriam mais elementos para caracterizar seu processo de pesquisa. Um estudo sobre os indícios da correta utilização ou não dos termos técnicos, necessitaria de maior tempo de pesquisa. O que são apresentados são análises iniciais de abertura para outros estudos que poderiam explicitar as individualidades e particularidades dos trabalhos.

O termo **Metodologia**, em toda sua complexidade, relaciona-se com a escolha do tema de pesquisa, a delimitação dos objetivos gerais e específicos, a produção ou não de hipóteses. É a escolha do tipo de pesquisa e em que paradigma estaria situado, a escolha da forma de coleta de dados e a forma de análise e apresentação dos resultados.

Dessa forma, neste estudo, foram identificadas as categorizações explicitadas

pelos autores dos TCCs. Ressalta-se que a ação de mencionar de forma clara o passo a passo é um dos aspectos primordiais da pesquisa científica. Deve-se priorizar a transparência dos procedimentos metodológicos e das referências utilizadas, porém nesse trabalho não abrangemos essa segunda parte.

Dessa forma, foi produzida uma tabela com os trechos referentes à metodologia. Para encontrar esses trechos, foi utilizada a ferramenta de pesquisa do programa *Adobe Acrobat* para buscar as palavras: *método, metodologia, procedimento metodológico, estudo, pesquisa, abordagem*. Conforme foi mencionado, inicialmente, pensou-se em analisar somente os resumos, porém em muitos não constavam as informações essenciais para esse trabalho. Mostrou-se mais efetivo para a questão metodológica, as informações contidas no sumário e trechos do texto que falavam sobre metodologia, assim também, a introdução.

A partir das explicações acima, podemos elencar a execução das seguintes etapas efetivadas:

- a) Revisão da literatura sobre metodologia científica e Pesquisa Científica em Arquivologia no Brasil e no Rio Grande do Sul;
- b) Pesquisa das normativas referentes ao TCC na UFRGS;
- c) Levantamento dos TCCs do curso de Arquivologia da UFRGS disponibilizados no Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Lume;
- d) Análise quantitativa e qualitativa dos dados coletados;
- e) Preparo da temática e metodologia científica empregada nesses trabalhos.

2.1 OBJETIVOS

Neste subcapítulo são apresentados os objetos da pesquisa. Inicialmente é apresentado o objetivo geral e, em seguida, os objetivos específicos.

É importante ressaltar que esse estudo tem a pretensão de entender os TCCs do curso de Arquivologia da UFRGS como um todo e não em sua particularidade, observando as características gerais que os perpassam. O estudo individualizado demandaria mais tempo de pesquisa.

2.1.1 Objetivo Geral

Realizar um estudo descritivo que relacione as temáticas e as metodologias de pesquisa utilizadas nos trabalhos de conclusão do curso de Arquivologia da UFRGS disponíveis no Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Lume.

2.1.2 Objetivo Específico

- a) Realizar a classificação temática dos trabalhos, segundo a tabela de classificação do autor Voutssás Márquez de 2016;
- b) Identificar as categorias metodológicas utilizadas nos Trabalhos de Conclusão em Arquivologia na UFRGS no período selecionado;
- c) Realizar uma análise quantitativa e qualitativa dos resultados da amostra;
- d) Verificar a normativa que estabeleceu o Trabalho de Conclusão no Arquivologia na UFRGS;
- e) Verificar o impacto para difusão do conhecimento dos TCCs de Arquivologia da Universidade através do Lume.

2.2 HIPÓTESE

Hipótese 1 – A escolha da metodologia está relacionada com a escolha da temática arquivística no TCC do curso de Arquivologia da UFRGS.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, abordamos a literatura arquivística sob seus vários ângulos. Iniciamos com a formação da área, contemplamos a chegada da disciplina no Brasil e na UFRGS. Em seguida, abordamos questões sobre a iniciação científica e as metodologias da pesquisa.

Para começarmos esse apanhado histórico, é necessário estabelecer alguns conceitos sobre a terminologia da área. Nacionalmente, a denominação do profissional é mais amplamente aceita (SANTOS, 2015), assim o **Arquivista** é o “profissional de nível superior, com formação em arquivologia ou experiência reconhecida pelo Estado” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 26).

Contudo, o nome da área não é consensual. De norte a sul do Brasil, observa-se o uso de **Arquivística** e **Arquivologia**. Esse fenômeno é visto internacionalmente, coexistindo termos distintos como, por exemplo, *Archivistics*, *Archival Science*, *Archivology*, *Archivística*, *Archivonomia* e *Archivistique* (SANTOS, 2015).

Há vezes em que os dois termos brasileiros são utilizados como sinônimo, como é o caso do *Dicionário de Terminologia Arquivística* de 2005, que define **Arquivologia** como: “Disciplina que estuda as funções do arquivo e os princípios e técnicas a serem observados na produção, organização, guarda, preservação e utilização dos arquivos. Também chamada **Arquivística**.” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 37, grifo da autora). Outras vezes, esses dois termos são tidos como distintos, separando os aspectos técnicos efetivados na prática profissional dos teóricos, responsáveis por refletir sobre a teoria arquivística. Segundo Santos, essas divergências conceituais não solucionadas demonstram o amadurecimento da área (SANTOS, 2015).

3.1 O SURGIMENTO DA DISCIPLINA ARQUIVÍSTICA

O surgimento dos Arquivos está entrelaçado com a história da humanidade e o surgimento da escrita. Eles acompanharam as transformações sociais com o passar das épocas e foram se adaptando ao cenário local e temporal.

O nascimento dos Arquivos é entendido como um fenômeno espontâneo, pois a atividade humana é dada a conhecer através de seus testemunhos e a criação da

escrita e a necessidade do homem de comunicar seus atos, conhecimentos ou sentimentos. (SILVA *et al*, 2002) O Arquivo é entendido como o local de guarda desses registros. Ainda hoje, uma das descrições técnicas dessa palavra contempla essa definição. Segundo o *Dicionário de Terminologia Arquivística*, a palavra **Arquivo** pode ser entendida como “Instituição ou serviço que tem por finalidade a custódia, o processamento técnico, a conservação e o acesso a documentos.” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 27).

Na organização das civilizações pré-clássicas no vale do Nilo e na Mesopotâmia, já existiam locais onde se conservavam textos e registros a serviço das classes dirigentes. Nessa época, havia também arquivos centrais e arquivos da administração corrente. (SILVA *et al*, 2002).

Na Grécia e em Roma, foram construídos arquivos centrais privados com o intuito de agrupar os documentos administrativos produzidos. Já na Idade Média, a guarda era primordialmente feita pelos mosteiros.

Durante todo esse período, os Arquivos eram responsáveis primordialmente pela guarda e conservação dos documentos. Era uma prática a serviço da administração.

Somente no final do século XVIII e início do XIX, surgem propostas metodológicas para gerar leis para a área. Até finais do século XIX, a Arquivística é considerada uma técnica a serviço da História, tendo o objetivo de auxiliar o trabalho dos historiadores. Nessa época, o arquivista-paleógrafo impôs-se como profissional-modelo. (SILVA *et al*, 2002)

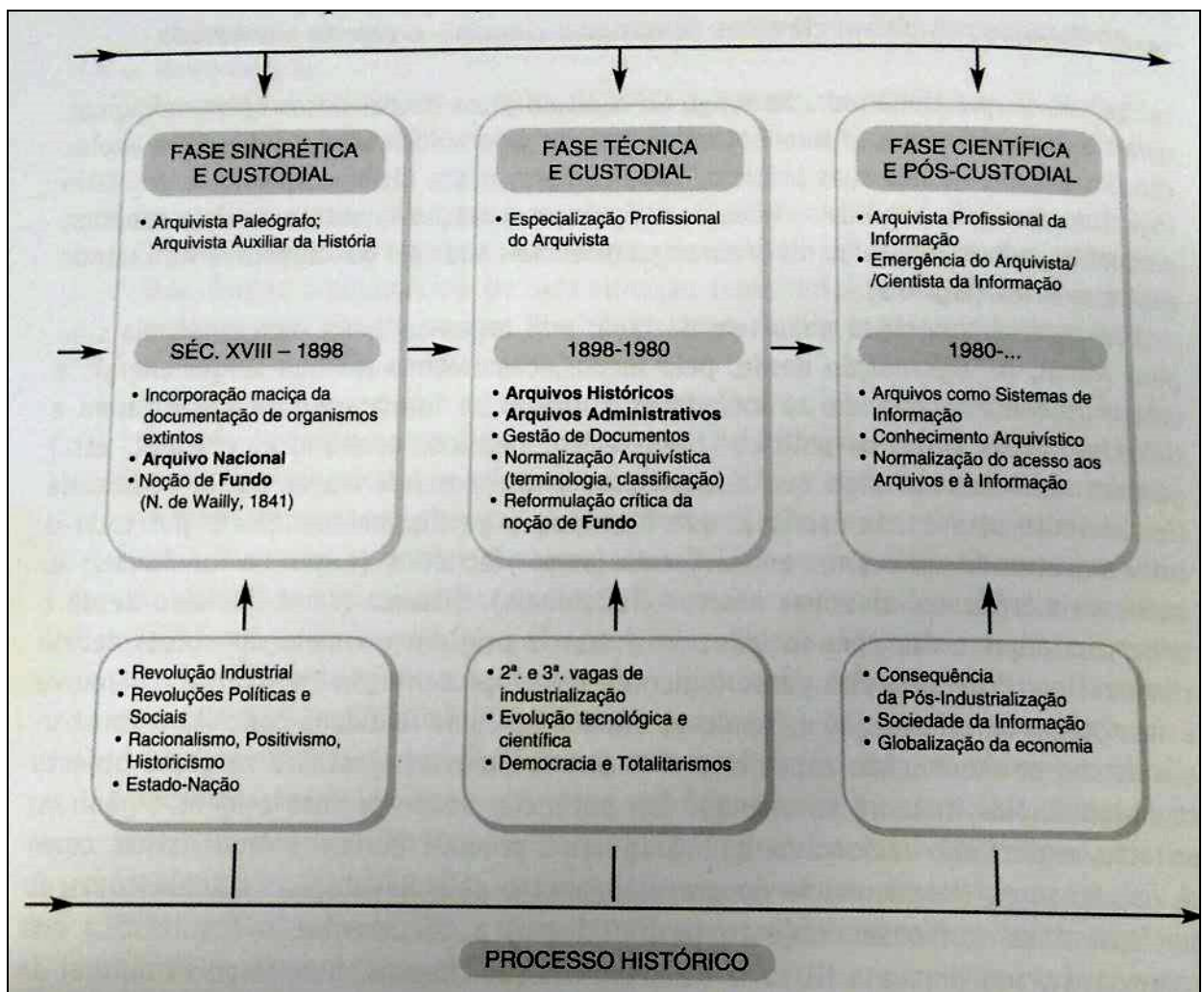
Um marco para a área foi a publicação do Manual dos Arquivistas Holandeses em 1898, pois reconhece e sistematiza a teoria do historiador francês Natalis de Wally que elaborou em 1841 a noção de **fundo de arquivo**. A partir dessa nova teoria, foi desenvolvido o **Princípio da Proveniência** e o **Princípio da Ordem Original** que se tornaram os pilares fundamentais da prática e teoria arquivística. (SCHELLENBERG, 2006; SILVA, 2012; SILVA *et al*, 2002; VARELA; MOREIRA; CRUZ, 2015).

A autora Bellotto pontua em seu livro *Arquivos Permanentes* (2006) a extensa discussão sobre os conceitos-base da Arquivística. O entendimento atual é de que é possível “[...] ‘reconhecer como fundo o conjunto de documentos de arquivo provenientes de uma determinada instituição ou pessoa’.” (BELLOTTO, 2006, p.33) Já a definição de respeito aos fundos ou princípio da proveniência seria a indicação

para não se mesclar documentos de diferentes fundos para permitir o rastreamento em torno das funções e atribuições do órgão gerador.

A partir da sistematização do processo informacional construído no livro *Arquivística: teoria e prática de uma ciência da informação* por Malheiros da Silva *et al* (2002), temos três fases relativas aos arquivos: fase sincrética e custodial, fase técnica e custodial e a fase científica e pós-custodial (SILVA, 2002). Na figura abaixo, podemos observar as mudanças históricas (FIGURA 1).

Figura 1 – Processo Informacional relativo aos Arquivos



Fonte: Malheiros da Silva *et al* (SILVA *et al*, 2002, p. 210).

O estudo aprofundado das inúmeros momentos e abordagens da área pode ser visualizado no Apêndice C que mostra uma versão resumida do resultado da tese de Clarissa M. S. Schmidt, nomeada *Arquivologia e a construção do seu objeto científico: concepções, trajetórias, contextualizações*. Nesse trabalho, são apresentadas as análises cronológica e histórica dos arquivos e da Arquivologia.

Para Rousseau, Couture *et al* (1998, apud SANTOS, 2015) a publicação de manuais representa a constituição como uma disciplina científica, porque esse tipo de instrumento permite articulação e transmissão do conhecimento específico. Contudo, é ponderada por Santos (2015) a necessidade do aprofundamento teórico após essa fase de manuais arquivísticos.

Existem também indicadores externos que atuam como evidência do caráter científico da disciplina, uma vez que ela chega às Universidades, existem revistas de caráter científico com estritos protocolos de publicação, congressos e encontros científicos e uma comunidade interessada no desenvolvimento da disciplina Arquivística (GILLILAND, 2004 *apud* BONAL-ZAZO, 2012).

3.1.1 Disciplina Arquivística no Brasil

Segundo alguns autores, o início do desenvolvimento da Arquivologia no Brasil se deu no século XX, quando houve a criação do primeiro curso técnico voltado para a formação dos funcionários do Arquivo Nacional, em 1922 (FERREIRA; KONRAD, 2014).

Já na década de 1970, surgiram as primeiras associações profissionais, os primeiros periódicos e eventos da área. Assim também, os primeiros cursos de Arquivologia de Ensino Superior. (FERREIRA; KONRAD, 2014).

Nas décadas de 1970 e 1980, a construção do conhecimento estava fundamentada no relato das práticas. Durante esse período, a Arquivística era um conjunto de técnicas e isso se refletia na literatura da área. Segundo Sousa, “E essas [produções de conhecimento] parecem, em alguns momentos, dominadas pelo empirismo e pelo senso comum”. (SOUSA, 2015, p.9). Ele também ressalta que esse período não pode ser entendido como algo menor, pois se tratava de um momento inicial para poder atingir novas construções.

Atualmente, existe um considerável número de pesquisas e eventos voltados para a temática do ensino de Arquivologia no Brasil², como o Grupo de Trabalho sobre Harmonização Curricular, a Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia - REPARQ e o Seminário de Ensino em Arquivologia do Rio Grande do

² Existem artigos enfocando o ensino das práticas arquivísticas, como, por exemplo, avaliação e descrição, mostrando o perfil dos alunos de um determinado curso ou indicando a evolução dos cursos.

Sul - SEARQRS. O primeiro evento da REPARQ ocorreu no ano de 2010 e o SEARQRS teve a sua primeira edição em 2012 (FERREIRA; KONRAD, 2014).

Segundo o site do Conselho Nacional de Arquivos - CONARQ, atualmente existem 16 cursos de graduação em Arquivologia na modalidade presencial, sendo que ainda não há curso de graduação à distância (ARQUIVO NACIONAL, 2018). Encontraram-se muitos artigos científicos que elencaram os locais desses cursos, conforme o Quadro 1 a seguir.

Quadro 1 – Cursos de Arquivologia no Brasil

Sigla	Universidades	Estado/Região	Ano de criação
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	RJ/Sudeste	1977
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria	RS/Sul	1976
UFF	Universidade Federal Fluminense	RJ/Sudeste	1978
UnB	Universidade de Brasília	DF/Centro-Oeste	1990
UEL	Universidade Estadual de Londrina	PR/Sul	1997
UFBA	Universidade Federal da Bahia	BA/Nordeste	1997
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	RS/Sul	1999
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo	ES/Sudeste	1999
UNESP/Marília	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho	SP/Sudeste	2002
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba	PB/Nordeste	2006
UFPB	Universidade Federal da Paraíba	PB/Nordeste	2008
FURG	Universidade Federal do Rio Grande	RS/Sul	2008
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais	MG/Sudeste	2008
UFAM	Universidade Federal do Amazonas	AM/Norte	2008
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina	SC/Sul	2009
UFPA	Universidade Federal do Pará	PA/Norte	2011

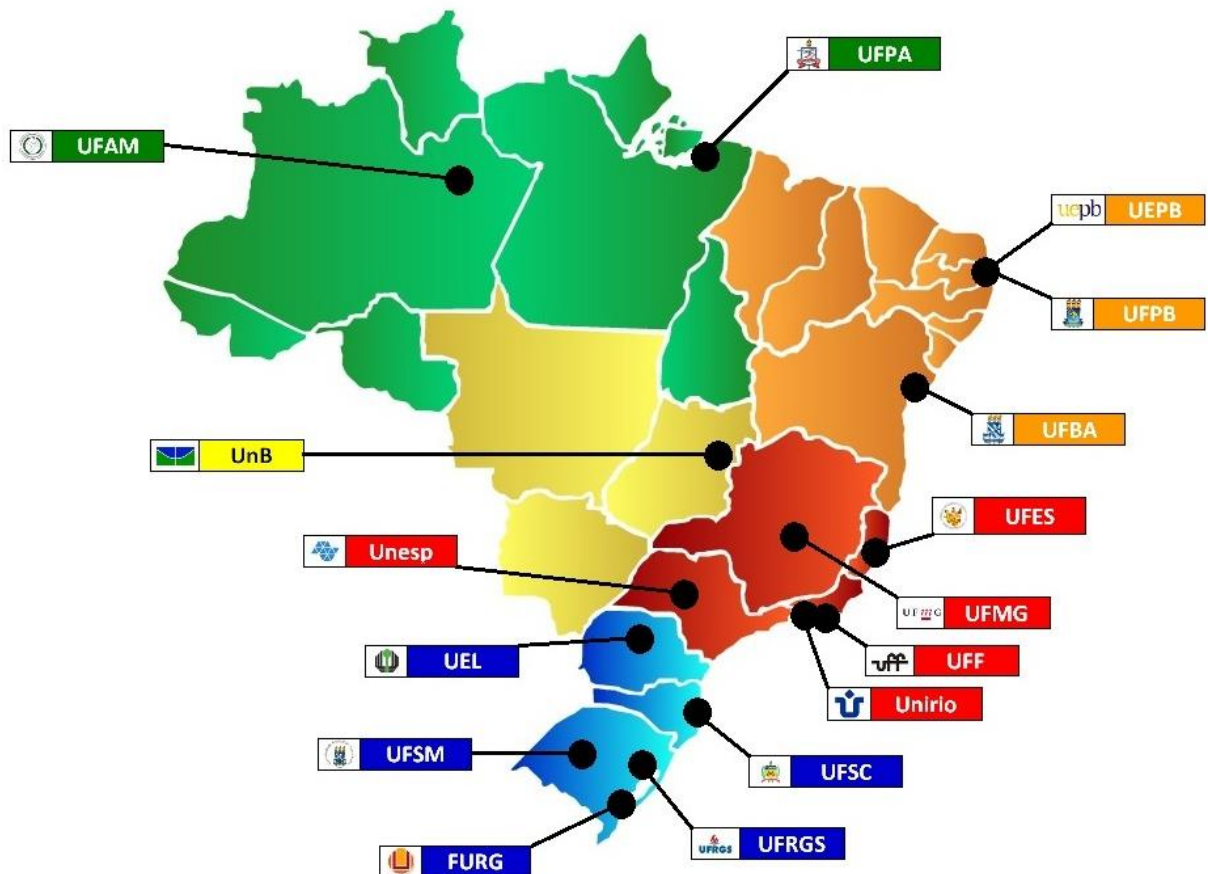
Fonte: FERREIRA; KONRAD, 2014, p. 134-135.

Atualmente, temos vários cursos e centros de pesquisa em Arquivologia no Brasil, conforme levantamento de Marques feito em 2011. Segundo a autora,

A formação da disciplina no Brasil está, portanto, em transformação, processo que Thomas Kuhn (2005) chamaria de 'mudança científica', de uma área eminentemente técnica, para uma disciplina que continua abrigando práticas e tem conquistado seus espaços científicos, por meio dos seus diálogos e do desenvolvimento de pesquisas. (MARQUES, 2012, p.34).

Em termos espaciais, podemos observar cursos de Arquivologia espalhados por todo o Brasil, conforme Mapa 1 abaixo. Apesar de haver uma concentração na região sul e sudeste, há representantes nas outras regiões.

Mapa 1 – Divisão por região dos Cursos de Arquivologia no Brasil



Fonte: ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, 2013.

De acordo com Sousa, a entrada em cena das universidades para a produção do conhecimento arquivístico modificou significativamente a situação da disciplina, pois havia a necessidade de um aprofundamento teórico para superar as práticas

até o momento existentes. Esses locais abriram um novo cenário arquivístico e criaram novas perspectivas (SOUSA, 2015).

3.1.2 Arquivologia na UFRGS

Como foi ressaltado anteriormente, foi deveras importante a entrada da Arquivologia nas universidades no Brasil. Na UFRGS, o Curso de Arquivologia foi criado em 30 de julho de 1999, a partir da Resolução nº 112/99 (ANEXO A), e sua primeira turma teve ingresso no ano de 2000.

O curso oferece uma sequência de oito semestres com disciplinas obrigatórias e eletivas. Há disciplinas de fundamentação geral e outras com habilidades instrumentais e com conhecimentos específicos. O curso exige a realização de dois estágios obrigatórios totalizando 300 horas juntos. Todas as atividades somadas resultam em 2550 horas-aula. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2017b).

O currículo do curso passou por transformações importantes durante os anos. Em 2006, houve a introdução do Trabalho de Conclusão que teve o intuito de promover a iniciação científica. Essa modificação foi publicada pela Resolução nº 01/2006 da COMGRAD de Arquivologia (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2006; 2014).

Atualmente, os alunos contam com a disciplina nomeada Metodologia da Pesquisa Aplicada às Ciências da Informação sob o código de BIB0360 sugerida para a Etapa cinco do curso que corresponde ao quinto semestre. A súmula da disciplina faz menção ao estudo dos tipos de pesquisa, das abordagens quantitativas e qualitativas, dos métodos e técnicas de investigação e da coleta de dados. Existe também a disciplina obrigatória de Introdução ao Trabalho de Conclusão. Nela é desenvolvido o Projeto de Pesquisa que será desenvolvido do TCC (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2017b).

Segundo a Comissão de Graduação em Arquivologia, o trabalho de conclusão “é o desenvolvimento de uma monografia que visa proporcionar ao acadêmico uma atividade de iniciação à pesquisa científica no campo da Arquivologia.” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2017a). Todas as especificações desse trabalho estão na Resolução nº 03/2017 (ANEXO B).

A partir da Normativa nº 01/2010, esses e todos os trabalhos de conclusão da

UFRGS passam a ter a publicação digital através do Repositório Institucional da Universidade. O Lume é um “[...] nome próprio atribuído ao Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que significa manifestação de conhecimento, saber, luz, brilho.” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, c2018c). É um portal que disponibiliza acesso às coleções digitais produzidas no âmbito da Universidade. É um repositório de acesso público que possui caráter histórico e tem o intuito de promover de preservação e difusão dos documentos.

Quanto as características técnicas, o Lume utiliza o software livre *DSapce* compatível com o Protocolo de Arquivos Abertos (OAI), permitindo que os documentos sejam facilmente coletados. Os documentos disponíveis no Lume são de propriedade e responsabilidade dos autores.

Em 2016, houve um estudo da Prof^a. Rita de Cássia Portela Silva quanto ao acesso aos TCCs de Arquivologia pelo Lume. Na época, o número de acessos estava em 42.885 e de *downloads* de 78230 (SILVA, 2016).

3.2 INICIAÇÃO CIENTÍFICA E METODOLOGIA

“Em sentido amplo, ‘pesquisa’ significa realizar empreendimentos para descobrir, para conhecer algo. A pesquisa constitui um ato dinâmico de questionamento, indignação e aprofundamento” (BARROS; LEHFELD, 2007, p.81). Ao chegar à universidade, os alunos são solicitados a fazerem pesquisas, porém, faz-se necessária a diferenciação da pesquisa “científica” da “não científica”. A qualificação de científica deve ser efetivada segundo a utilização de determinadas metodologias e técnicas para a obtenção dos dados.

Os autores Barros e Lehfeld colocam que, na iniciação científica, “[...] o mais importante seria a preocupação da aplicação dos métodos científicos em vez de propriamente a ênfase nos resultados obtidos.” (BARROS; LEHFELD, 2007, p.82). Eles indicam isso, porque a apropriação das técnicas de investigação e o amadurecimento são atingidos através da prática de pesquisa. Nem todas as investigações obterão resultados esperados e muitas delas poderão resultar em resultados falíveis. Contudo, o pesquisador não deve desencorajar-se diante das dificuldades surgidas no processo.

O termo **Metodologia**, em sua origem, significa o “[...] estudo dos caminhos, dos instrumentos usados para se fazer ciência. É uma disciplina instrumental a

serviço da pesquisa. Ao mesmo tempo visa conhecer caminhos do processo científico, também o problematiza criticamente [...]” (DEMO, 1995, p.11).

A metodologia, em toda sua complexidade³, estaria relacionada a vários níveis do fazer científico. Os roteiros de projeto de pesquisa observam que todo o processo está interligado, desde a escolha da temática de pesquisa, a importância da delimitação dos objetivos gerais e específicos, a produção ou não de hipóteses, a escolha do tipo de pesquisa e consequente paradigma, a forma de coleta de dados, a forma de análise e a apresentação dos resultados.

Nos manuais, os autores pontuam desde questões orçamentárias, passando por recursos humanos e materiais disponíveis para utilização nas investigações até as questões filosóficas e teóricas. Esses primeiros quesitos apresentados influenciam desde o início, o andamento e o resultado da pesquisa, porém estão mais ligadas a ordens administrativas e ao planejamento do projeto.

As questões administrativas são importantes, porém é a delimitação teórica e filosófica que irá definir a pesquisa como científica. Nesse último sentido, existe uma gama de possibilidades e caminhos que podem ser trilhados pelo pesquisador.

Para facilitar o entendimento dessas variedades, os teóricos da área estabeleceram diferentes categorizações nos manuais sobre o assunto. Por esse mesmo motivo, foram produzidos quadros explicativos, que são apresentados nos próximos subcapítulos, para demonstrar essas explicações nesse trabalho.

3.2.1 Categorias Metodológicas da Pesquisa

Segundo Antônio Carlos Gil (2002), as pesquisas podem ser classificadas em dois grandes grupos, aquelas que decorrem apenas do “desejo de conhecer” e outras que tem o intuito de descobrir uma maneira mais eficiente ou eficaz de fazer algo. Elas poderiam ser categorizadas em: pesquisas “puras” e pesquisas “aplicadas”, respectivamente.

O autor coloca o termo entre aspas, pois ressalta que elas não devem ser discutidas como se fossem mutuamente exclusivas. Somente com intuito didático, elas são colocadas separadas no Quadro 2 a seguir.

Assim, é importante ressaltar que tanto o intuito prático pode levar à descoberta de princípios científicos, como o sentido teórico pode levar aos

³ No meio científico, houve até quem falasse sobre a antimetodologia e o discurso contra o método, representados por Feyrabend (1993, apud WALDYR, 2007, p.99).

conhecimentos de aplicação prática. A interação desses dois conceitos que corresponderia a realidade não teórica.

Quadro 2 – Categorização das Pesquisas quanto ao seu intuito inicial, conforme Antonio Carlos Gil.

Categorização*	Procedimento
Pesquisas “puras”	Decorrem apenas do “desejo de conhecer”
Pesquisas “aplicadas”	Decorrem do intuito de fazer algo de maneira mais eficiente ou eficaz.

***Nota:** Essas duas categorias não devem ser discutidas como se fossem mutuamente exclusivas.

Fonte: GIL, 2002.

As categorizações apresentadas nos próximos quadros estarão incluídas dentro dessas duas primeiras categorias iniciais. O Quadro 3 apresenta como as pesquisas podem ser classificadas conforme seu objetivo geral.

Quadro 3 – Categorização das Pesquisas quanto ao seu objetivo geral, conforme Antonio Carlos Gil.

Categorização	Tipos relacionados	Objetivo Geral
Pesquisas exploratórias	Pesquisa bibliográfica ou de estudo de caso	Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses.
Pesquisas descritivas	Censos	As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis.
Pesquisas explicativas	Pesquisas experimentais ou “quase-experimentais” e ex-postfacto	Essas pesquisas têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos.

Fonte: GIL, 2002; 2010.

Assim, conforme se observa no Quadro 3 na página anterior, as pesquisas podem ser classificadas como: exploratórias, descritivas ou explicativas. Segundo Gil (2002; 2010), esse critério de classificação é importante para delimitar o marco teórico. Outros autores utilizaram essa mesma nomenclatura como Boente e Braga (BOENTE; BRAGA, 2004).

Já o autor Richardson *et al* (2010) identifica essas três variáveis como planos de enquete. Dessa forma, ele considera a divisão das enquetes sociais em três objetivos básicos: descrição, explicação e exploração.

Retomando as categorizações do autor Gil (2002; 2010), ele também classifica as pesquisas quanto ao delineamento. O termo “delineamento” é advindo da literatura inglesa, onde recebe essa parte tem o nome de *design*, podendo ser também traduzido como desenho ou desígnio. Essa classificação se aproxima mais do ponto de vista empírico da pesquisa. As categorizações podem ser observadas no quadro abaixo (QUADRO 4).

Quadro 4 – Categorização das Pesquisas quanto ao delineamento, conforme Antonio Carlos Gil.

Fonte	Categorização	Procedimento
Fontes em “papel”	Pesquisas bibliográficas	É desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.
Fontes em “papel”	Pesquisas documentais	Assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A diferença essencial entre ambas está na natureza das fontes que são documentos.
Dados fornecidos por pessoas	Pesquisas experimentais	Consiste em determinar um objeto de estudo, selecionar as variáveis que seriam capazes de influenciá-lo, definir as formas de controle e de observação dos efeitos que a variável produz no objeto.
Dados fornecidos por pessoas	Pesquisas genuinamente experimentais	São aquelas em que os indivíduos que participam do experimento compõem dois grupos: o experimental e o de controle. A distribuição entre os grupos é feita de forma aleatória.

Fonte	Categorização	Procedimento
Dados fornecidos por pessoas	Pesquisas pré-experimentais	Embora designados como experimentais, a rigor não poderiam ser considerados como tal, pois é apenas um único grupo a ser estudado, em seguida, há o efeito de algum agente capaz de causar alguma mudança.
Dados fornecidos por pessoas	Pesquisas quase-experimentais	Apesar de não haver distribuição aleatória, nem grupos controle, elas possuem rigor metodológico, aproximando-se das pesquisas experimentais. Nesse caso, a comparação é feita por grupo não equivalentes.
Dados fornecidos por pessoas	Pesquisas <i>ex-post-facto</i>	A expressão <i>ex-post-facto</i> pode ser traduzida como "a partir do fato passado", significando que neste tipo de pesquisa o estudo foi realizado após a ocorrência de variações na variável dependente no curso natural dos acontecimentos.
Dados fornecidos por pessoas	Levantamento de campo (Survey)	Caracterizam-se pela interrogação direta a um grupo significativo de pessoas sobre algum comportamento que se deseja conhecer. Obtêm-se as conclusões dos dados coletados após a análise quantitativa.
Dados fornecidos por pessoas	Estudos de campo	Apresenta muitas semelhanças com o levantamento, mas tem uma menor amplitude de alcance. Procura o aprofundamento das questões propostas em vez da distribuição das características da população segundo determinadas variáveis.
Dados fornecidos por pessoas	Estudos de caso	É amplamente utilizada nas ciências sociais e biomédicas. Consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento. É um estudo empírico que investiga um fenômeno atual do seu contexto de realidade.

Fonte: GIL, 2002; 2010.

Conforme foi exposto no Quadro 4 nas duas páginas anteriores, o autor caracteriza a pesquisa de acordo com a forma de coleta de dados em: Pesquisa Bibliográfica, Pesquisa Documental, Pesquisa Experimental, Pesquisa Genuinamente Experimental, Pesquisa Pré-Experimental, Pesquisa Quase-Experimental, Pesquisa *Ex-Post-Facto*, Levantamento de Campo (*Survey*), Estudo de Campo e Estudo de Caso.

Já quanto à abordagem da análise de dados podemos encontrar duas categorizações: Pesquisa Quantitativa e Pesquisa Qualitativa, conforme Quadro 5. Existe também a possibilidade de ter a análise de dados mista, tendo o viés quantitativo e qualitativo numa mesma pesquisa.

Quadro 5 – Categorização das Pesquisas quanto ao seu intuito inicial, conforme Antonio Carlos Gil.

Categorização*	Análise de Dados
Pesquisa Quantitativa	As categorias são frequentemente estabelecidas <i>a priori</i> , o que simplifica sobremaneira o trabalho analítico. O resultado geralmente apresentado em tabelas.
Pesquisa Qualitativa	O conjunto inicial de categorias em geral é reexaminado e modificado sucessivamente, com vista em obter ideais mais abrangentes e significativos, necessitando valer-se de textos narrativos, matrizes, esquemas etc.

***Nota:** Encontram-se trabalhos que utilizam as duas abordagens quali e quantitativa, elas não são necessariamente excludentes.

Fonte: GIL, 2002.

Encontraram-se algumas nomenclaturas não muito presentes nos TCCs, como “metodologia de investigação” (MOTTA-ROTH, 2005). Os autores Bianchini e Stuart Júnior pontuaram que alguns estudos “[...] têm mostrado a necessidade de mudanças nas atuais metodologias utilizadas em sala de aula, para que a experimentação possa auxiliar a construção do conhecimento [...]” (BIANCHINI; SUART JÚNIOR, 2015, p. 12044-2). Elas são utilizadas em outras áreas do conhecimento.

Em alguns materiais de ensino de metodologia, podemos encontrar todas as demarcações de pesquisa em uma mesma tabela. Assim, são apresentadas todas as possibilidades lado a lado, conforme o Quadro 6 abaixo.

Quadro 6 – Ensino de Metodologia, conforme o Prof. Maxwell Ferreira Oliveira.

Classificação quanto aos objetivos da pesquisa	Classificação quanto à natureza da pesquisa	Classificação quanto à escolha do objeto de estudo	Classificação quanto à técnica de coleta de dados	Classificação quanto à técnica de análise de dados
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Descritiva ✓ Exploratória ✓ Explicativa ✓ Exploratório-descritiva 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Qualitativa ✓ Quantitativa ✓ Qualitativa-quantitativa 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Estudo de caso único ✓ Estudo de casos múltiplos ✓ Amostras não-probabilísticas ✓ Amostras probabilísticas ✓ Estudo censitário 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Entrevista ✓ Questionário ✓ Observação ✓ Pesquisa documental ✓ Pesquisa bibliográfica ✓ Pesquisa ✓ Triangulação ✓ Pesquisa-ação ✓ Experimento 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Análise de conteúdo ✓ Estatística descritiva ✓ Estatística multivariada ✓ Triangulação na análise

Fonte: OLIVEIRA, 2011, p.19.

Em outros casos, há uma bibliografia voltada a aprofundar somente uma forma de pesquisa. Podemos ver alguns desses autores no Quadro 7 abaixo.

Quadro 7 – Exemplos de Bibliografias específicas para determinados tipos de pesquisa.

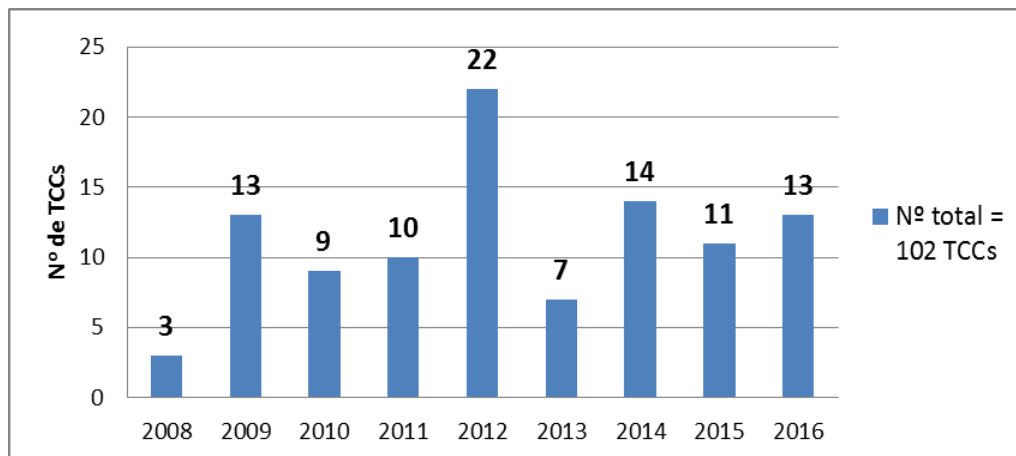
Tipo de Pesquisa	Bibliografias
Estudo de Caso	YIN, Robert K. Estudo de caso: planejamento e métodos.
Etnografia e Observação Participante	ANGROSINO, Michael V. Etnografia e observação participante (Coleção pesquisa qualitativa).
Survey	BABBIE, Earl. Métodos de Pesquisas de Survey.
Pesquisa Qualitativa	FLICK, Uwe. Qualidade na pesquisa qualitativa.

Fonte: ANGROSINO, 2009; BABBIE, 200; FLICK, 2009; YIN, 2015.

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS COLETADOS

O número total corresponde a 102 Trabalhos de Conclusão do Curso de Arquivologia da UFRGS disponíveis no Lume. Eles foram apresentados como requisito de graduação entre os anos de 2008 a 2016⁴. Esse número corresponde ao total de trabalhos disponíveis no repositório digital no período citado, porém não corresponde ao total de trabalhos apresentados no curso, pois nem todos foram inseridos no meio digital⁵. A distribuição dos trabalhos por ano pode ser conferida no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Divisão por ano do número TCCs de Arquivologia coletados.



Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com o Gráfico 1, observa-se uma alta de trabalhos apresentados e inseridos no Lume no ano de 2012, com o valor absoluto total de 22 itens. Esse número equivale a mais de 2/3 do número esperado de formandos naquele ano, pois a abertura de vagas anual é programada para 30 ingressantes. Comparando com outros índices, esse pico equivale mais que o dobro de trabalhos apresentados em relação aos anos de 2010, 2011 e 2013.

Os fatores que influenciaram essa alta taxa de trabalhos apresentados precisariam ser estudados com mais profundidade, mas podemos levantar algumas hipóteses como: o perfil dos alunos daquele ano, um possível bom relacionamento

⁴ Os TCCs de 2017 não aparecem na amostra, pois os trabalhos são inseridos durante o ano posterior a realização, no caso, o ano vigente da coleta de dados desta pesquisa.

⁵ As regras para inserção dos trabalhos no Lume pode ser verificada em UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2010.

da turma formanda, a influência dos Professores que ministraram aulas naquele ano e as mudanças que aconteciam com a área naquele período.

Sugere-se também a necessidade de um estudo comparativo entre o número total de trabalhos apresentados e o número daqueles inseridos no Lume do Curso de Arquivologia para verificar se representam a maioria ou até mesmo a sua totalidade. Em 2020, a Normativa de inserção no Lume estará completando dez anos o que poderia ser um gatilho para essa verificação.

Mesmo com a existência da Normativa nº 01/2010, é prevista a possibilidade de não autorização da publicação no Repositório pelo autor. Essa regra pode ser vista no Art. 3º da instrução normativa que estabelece que: “A disponibilização do texto do TCC no Lume, em formato digital, somente será feita mediante autorização do autor.” No Art. 2º é mencionado o modelo de Termo de Autorização (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2010).

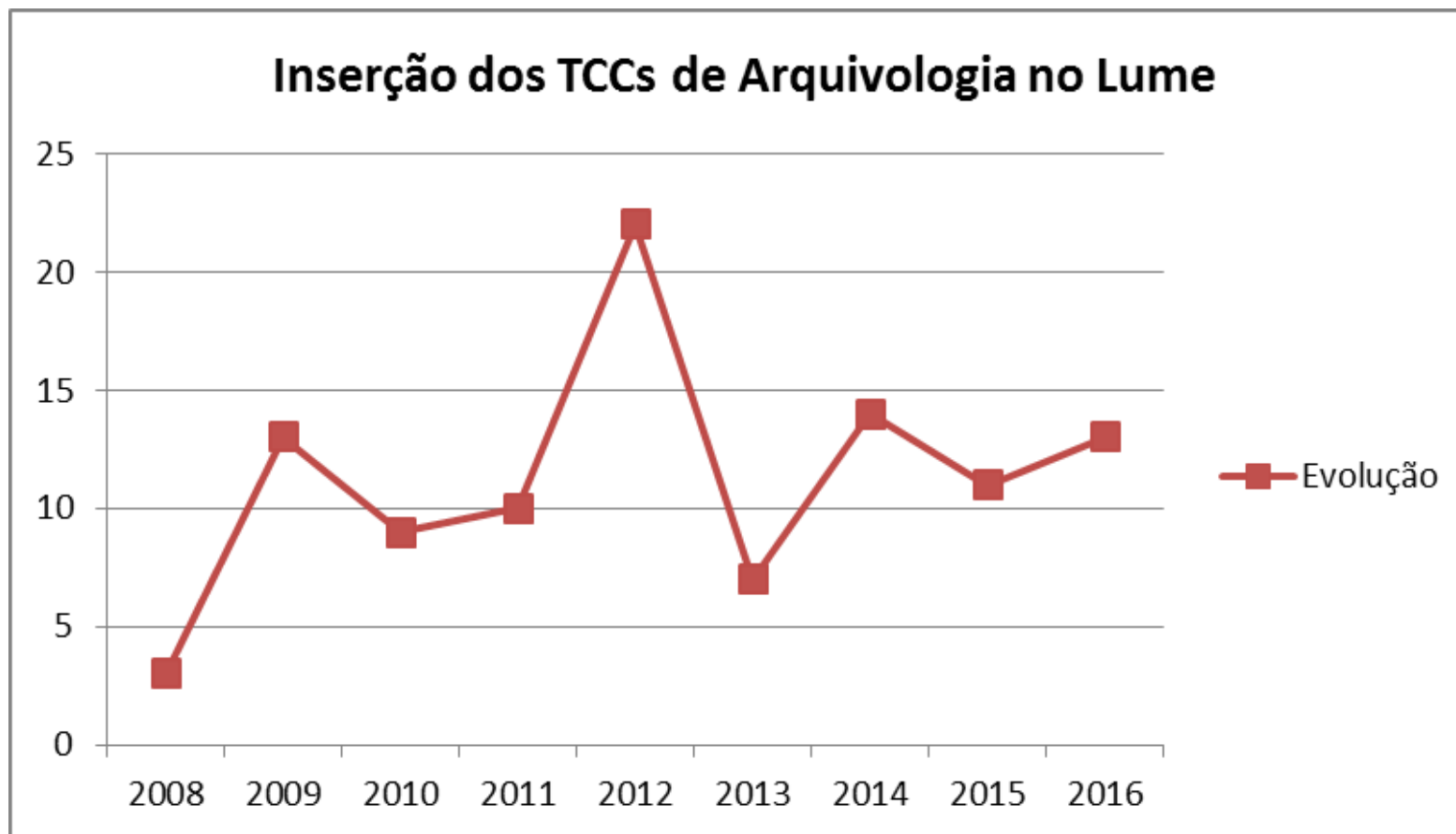
Ainda no gráfico anterior (GRÁFICO 1), podemos identificar que os menores números absolutos em trabalhos estão indicados nos anos de 2008 e de 2013. Existe uma forte chance de que, em 2008, a amostra não represente a totalidade dos trabalhos produzidos, pois a Instrução Normativa que estipula a obrigatoriedade da inserção dos TCCs no Repositório foi publicada somente em janeiro de 2010 (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2010).

Especula-se que, em 2013, pode ter havido um efeito rebote pelo pico de trabalhos apresentados em 2012. Contudo, precisariam ser estudados com mais profundidade, pois outros fatores podem ter interferido nesses resultados.

Excluindo o número não representativo de 2008, temos uma média de 12 trabalhos apresentados por ano. A evolução da inserção de trabalhos de Arquivologia no Lume pode ser observada no Gráfico 2.

Observa-se no Gráfico 2 a seguir, uma linha oscilante com picos e declínios. Nota-se que houve uma menor oscilação entre os anos de 2010 e 2011, assim também, de 2014 a 2016, porém esses anos apresentam um índice reduzido se comparado ao número de formandos esperados dado o número de vagas de ingresso.

Gráfico 2 – Evolução do número de TCCs de Arquivologia no Lume.



Fonte: Elaborado pela autora.

4.1 CLASSIFICAÇÕES DOS TCCs PELA TEMÁTICA DE PESQUISA

O primeiro objetivo específico deste trabalho era fazer a classificação temática a partir da tabela proposta por Juan Voutssás Márquez na monografia *Estado de la arte Archivística Iberoamericana a través de sus publicaciones 1986-2016* (VOUTSSÁS MÁRQUEZ, 2016). Essa divisão pode ser conferida no Quadro 8.

Quadro 8 – Resultado da Classificação Temática dos TCCs.

Classificação Temática Archivística	TCCs
1.- Teoría, evolución y estado del arte de la Ciencia Archivística.	12
1.1 Teoría, bases, principios, fundamentos, metodología, investigación, etc., de la Ciencia Archivística moderna.	04
1.2 Historia y evolución de la Ciencia Archivística y ciencias vinculadas (Diplomática, Paleografía, etc.).	07
1.3 Terminología, glosarios, ontologías, etc.	01
2.- La práctica archivística.	31
2.1 Diagnóstico, planeación, proyectos, experiencias y estudios de archivos y de usuarios.	08
2.2 Procesos técnicos de la gestión documental o de archivos administrativos (producción, organización, identificación, descripción, conservación, reproducción, disposición, cooperación, etc.).	02
2.2.1 Identificación, valoración y selección.	02
2.2.2 Organización, clasificación y ordenación.	01
2.2.3 Descripción.	02
2.2.4 Conservación, preservación y restauración.	01
2.2.5 Disposición y retención.	--
2.2.6 Cooperación e integración.	01

Classificação Temática Arquivística	TCCs
2.3 Procesos y sistemas de preservación de archivos históricos (adquisiciones, organización, descripción, preservación, restauración, acceso, etc.).	11
2.4 Auditoría y control de calidad de documentos de archivo.	--
2.5 Estándares y normas nacionales e internacionales en la práctica archivística (ISAD-G, ISO-15489, EAD, MoReq, OAIS, UNE, etc.); organismos internacionales de archivos (ICA; ALA, etc.).	03
3.- Ciencia Archivística y tecnología.	14
3.1 Tecnologías de Información y Comunicaciones en archivos: sistemas de información, bases de datos, aplicaciones, automatización, redes de archivos, cómputo en la nube, Big Data, documentos XML, etc.	06
3.2 Sistemas específicos de gestión archivística y administradores de contenido: diseño, construcción, uso, selección, evaluación, etc.	04
3.3 Digitalización de documentos de archivo y otros documentos afines.	02
3.4 Metadatos, normalización, vocabularios controlados.	--
3.5 Interoperabilidad, seguridad y seguridad informática, firma electrónica, certificación.	--
3.6 Aplicaciones modernas y archivos: tipologías, mercadotecnia, evaluación, archivometría, proactividad, cultura organizacional.	02
3.7 Recursos archivísticos disponibles nacional e internacionalmente (guías, directorios, censos, inventarios, etc. de archivos).	--
3.8 Fuentes documentales para la archivística (bibliografías, bancos de datos, etc.).	--

Classificação Temática Arquivística	TCCs
4.- Legislación y normatividad para los archivos y las organizaciones.	14
4.1 Políticas, leyes y lineamientos para la gestión documental.	05
4.2 Políticas, leyes y lineamientos para la preservación, conservación y restauración de archivos.	01
4.3 Políticas, leyes y lineamientos para regulación del acceso a la información, la propiedad intelectual y la protección de datos personales y su impacto en la Ciencia Archivística.	08
5.- La Ciencia archivística en el entorno de las instituciones y la sociedad.	31
5.1 Los archivos y su relación con gobierno digital, gobernanza, transparencia, acceso a la información, rendición de cuentas, democracia, gobierno abierto, etc.	02
5.2 Los archivos y su función social: trascendencia y responsabilidad social; memoria de la sociedad.	07
5.3 Ética y deontología archivísticas.	01
5.4 Formación de personal en archivística: profesionalización y educación continua, perfil profesional, identidad y asociaciones.	08
5.5 Impacto del cambio organizacional y tecnológico sobre los archivos.	01
5.6 Sensibilización, difusión y acceso social de los archivos y sus beneficios.	12
Total	102

Nota 1: Adaptação de VOUTSSÁS MÁRQUEZ, 2016, com os resultados desta pesquisa.

Nota 2: Optou-se por permanecer com a classificação em espanhol, conforme o autor.

Fonte: Elaborado pela autora.

Os trabalhos estão divididos nos cinco grupos temáticos, mas não de forma igualitária. Isso aconteceu também dentro das subdivisões desses grupos.

Conforme se vê dentro da classificação do Grupo 1, a maioria dos trabalhos estava relacionada com a área da Diplomática. Na subdivisão, os trabalhos foram inseridos na categoria 1.2 História e evolução da Ciência Arquivística e ciências

vinculadas (Diplomática, Paleografia, etc.).

A necessidade de haver outro item para esses trabalhos em específico foi especulada pela autora, mas não se chegou a uma conclusão definitiva. Todo o processo de classificação foi respaldado na tentativa de entender e respeitar a lógica do autor que a construiu. Ainda em relação ao Grupo 1, foram encontrados trabalhos sobre produção de conhecimento na área ou abordagens diferenciadas, como a vinculação da Arquivologia ao pensamento complexo.

O quadro mostrou também que a Prática Arquivística é um dos temas principais dos trabalhos, totalizando 30 trabalhos classificados no Grupo 2. Essa categoria é extensa, tendo o grupo 2.2 uma divisão terciária, conforme a elaboração do autor Voutssás Márquez (2016).

No item 2.1, foram classificados trabalhos que são estudos de arquivos ou usuários e também amostra de experiências. Essa categoria é enfocada no arquivo como um todo.

A categoria 2.2 foi subdividida em seis áreas específicas relacionadas aos processos técnicos dos arquivos administrativos. No total, seriam nove trabalhos correspondentes se somados, estando em maior número que a categoria anterior. Nessa categoria entram trabalhos de classificação, conservação e preservação, integração entre arquivos administrativos.

O maior número de trabalhos classificados em uma subcategoria foi a 2.3 com 11 itens. Esse subgrupo se refere aos Processos e Sistemas de Preservação de Arquivos Históricos (aquisição, organização, descrição, preservação, restauração, acesso, etc.).

No Grupo 3, houve uma concentração de trabalhos na subdivisão 3.1 Encontraram-se nesses trabalhos, as temáticas de sistemas de informação e base de dados.

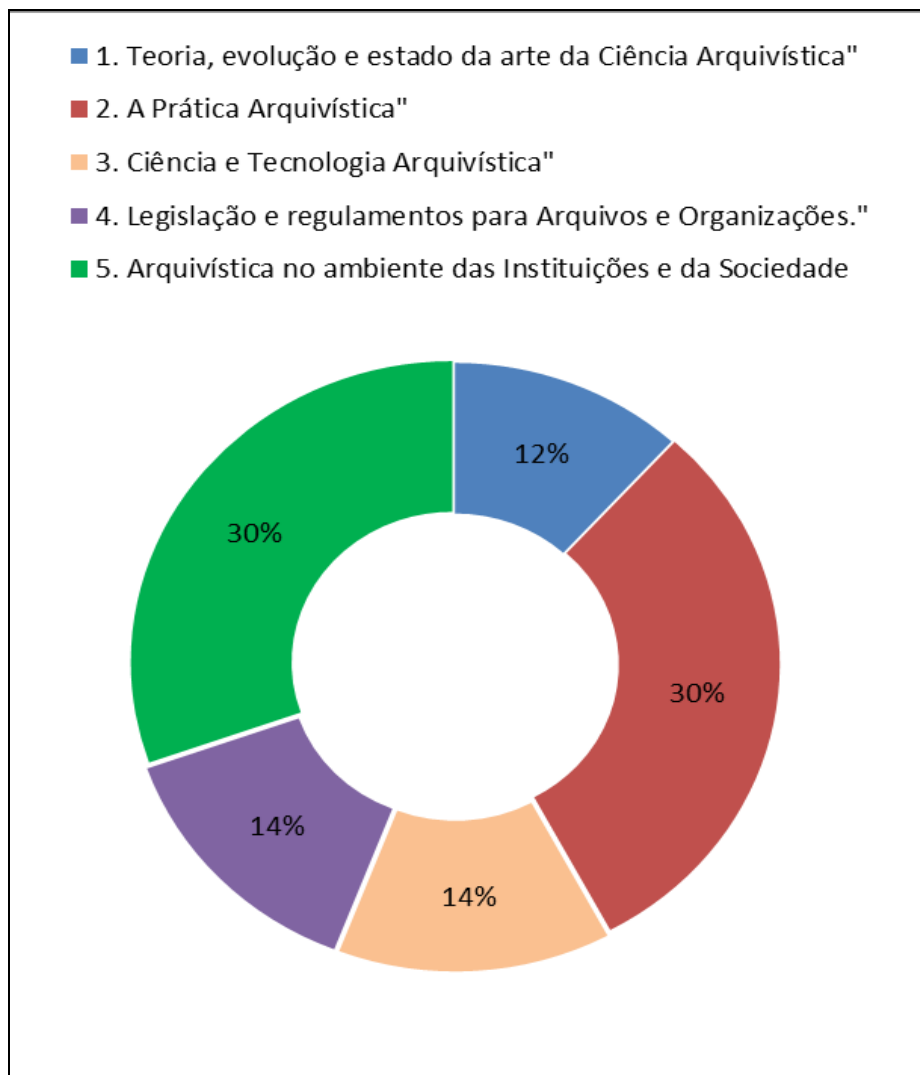
O grupo 4 tinha poucas subdivisões, mas acabou se equiparando aos outros assuntos. Destacaram-se as políticas de gestão e, principalmente, o item referente à Lei de Acesso à Informação.

O Grupo 5 teve um número expressivo, sendo preenchidas todas as subcategorias com pelo menos um trabalho. Houve uma ampla classificação nas divisões: 5.2 referente à função social dos arquivos e memória, 5.4 referente à formação profissional e 5.6 referente à difusão e sensibilização.

Nos Grupos 2 e 3, houve subcategorias que não tiveram trabalhos classificados. Estão entre elas: 2.2.5 Disposición y retención; 2.4 Auditoria e controle de qualidade em arquivos; 3.4 Metadados, normalização e vocabulário controlado; 3.5 Interoperabilidade; segurança e informática, firma eletrônica e certificação; 3.7 Recursos Arquivísticos (guias, censos, inventários, etc.) e 3.8 Fontes Documentais Arquivísticas (bibliografias, bancos de dados, etc.)

Para facilitar a visualização das divisões, foi montado o gráfico abaixo com as informações gerais dos grupos. Ele facilita a visualização geral dos itens (GRÁFICO 3).

Gráfico 3 – Classificação dos TCCs por grupo temático.



Nota: Valores percentuais arredondados.

Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com os resultados mostrados no anterior (GRÁFICO 3), temos uma concentração de trabalhos nos Grupos 2 e 5, seguidos pelos outros grupos temáticos que se equiparam em número entre si.

De acordo com a literatura internacional, a prática arquivística se destaca na produção de conhecimento ao longo da história de formação da área, sendo o grupo temático 2. Já no Grupo 5 são focados os problemas contemporâneos como a governança, transparência, acesso social aos arquivos e seus benefícios, a memória social, assim também, as questões relacionadas aos Arquivistas, quanto sua formação e organização de classe.

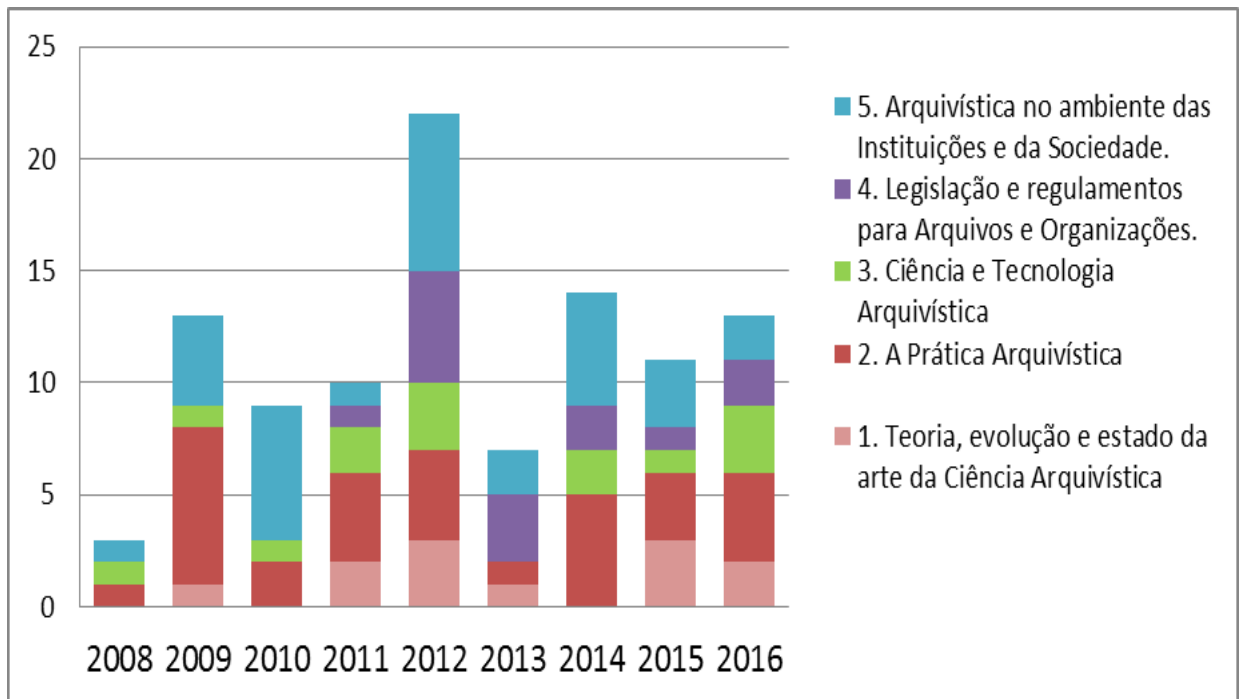
Esse resultado de uma maior concentração de trabalhos nesses dois grupos se assemelha ao resultado encontrado no estudo da temática das teses e dissertações brasileiras em Arquivologia realizada pela autora Angélica Marques. De acordo com ela, houve uma concentração nas temáticas relacionadas às funções arquivísticas, aos arquivos e a sociedade e ao meio profissional dos arquivos. (MARQUES, 2012)

A diferença entre os resultados deste estudo e o de Marques (2012) é que, no trabalho dessa autora, houve também uma concentração de trabalhos no grupo temático referente ao objeto e finalidade Arquivística. Por se tratar de uma temática mais densa, supõe-se que tenha aparecido de uma forma mais ampla nas teses e dissertações por se tratarem de trabalhos mais complexos e aprofundados. No estudo dos TCCs, essa parte se relacionaria mais ao Grupo 1.

Na análise da temática por ano conforme o Gráfico 4 a seguir, percebe-se que os Grupos 2 e 5 aparecem em todos os anos, sendo os preponderantes. O aparecimento do Grupo 1 é irregular e Grupo 3 aparece mais timidamente, mas em quase todos os anos.

Um indicador interessante é o início e aumento dos trabalhos relativo à legislação a partir de 2011, ano em que foi promulgada a Lei de Acesso à Informação (BRASIL, 2011). Dessa forma, o Grupo 4 aparece a partir desse ano e segue sendo contemplado até 2016.

Gráfico 4 – Classificação Temática dos TCCs (Lume) na divisão por ano, período entre 2008 e 2016.



Fonte: Elaborado pela autora.

Após a análise do aparecimento das temáticas quanto ao seu total e o aparecimento no decorrer dos anos. Acreditou-se que seria interessante comparar o resultado da tabela construída por Voutssás Márquez para verificar o *estado da arte* com a tabela de classificação dos TCCs.

Conforme se observa no quadro da próxima página, existem semelhanças e diferenças na comparação da análise percentual da quantidade de trabalhos divididos por temática (QUADRO 9). O estudo de Voutssás Márquez (2016) levantou 3.861 itens da literatura publicados entre 1986 e 2016, acerca de ciência e prática arquivística⁶.

⁶ O autor removeu da pesquisa todos os trabalhos eminentemente historiográficos na qual a Arquivística era somente uma coadjuvante. Os textos sobre Informática, equivalentes ao Grupo 3 foram considerados apenas aqueles que foram publicados em revistas ou eventos arquivísticos. Essa regra serviu para todas as outras áreas afins, como o Direito, por exemplo. Esse critério não fez parte do estudo dos TCCs, pois foi feita a classificação de todos os trabalhos.

Quadro 9 – Comparação entre o Estado da Arte e a classificação dos TCCs em Arquivologia da UFRGS entre 2008 e 2016, disponíveis no Lume.

Classificação por Grupo Temático	TCCs UFRGS	%	Estado da Arte	%
1.- Teoría, evolución y estado del arte de la Ciencia Archivística	12	12%	448	12%
2.- La práctica archivística.	31	30%	1838	48%
3.- Ciencia Archivística y tecnología.	14	14%	463	12%
4.- Legislación y normatividad para los archivos y las organizaciones.	14	14%	349	9%
5.- La Ciencia archivística en el entorno de las instituciones y la sociedad.	31	30%	763	19%
Total	102	100%	3861	100%

State of the Art of Ibero-American Archival Science through its publications 1986-2016
 Juan Voutssas M. • Archivo General de la Nación – México • 2016

1.- Teoría, evolución y estado del arte de la Ciencia Archivística.	448	12%
2.- La práctica archivística.	1838	48%
3.- Ciencia Archivística y tecnología.	463	12%
4.- Legislación y normatividad para los archivos y las organizaciones.	349	9%
5.- La Ciencia archivística en el entorno de las instituciones y la sociedad.	763	19%
Total	3861	

Nota 1: Adaptação de VOUTSSÁS MÁRQUEZ, 2016, com os resultados desta pesquisa.

Nota 2: Optou-se por permanecer com a classificação em espanhol, conforme o autor.

Fonte: Elaborado pela autora.

A pesquisa desse autor foi direcionada a região ibero-americana, que abrangem a América Latina, o Caribe, Portugal e a Espanha. Os textos em inglês, dentro ou fora da região, produzidos por autores ibero-americanos foram considerados e autores de outras regiões que apresentaram trabalhos em eventos e congressos naquela região também.

Para a pesquisa desse autor, foram considerados livros, capítulos de livros, artigos científicos e acadêmicos, anais de congressos, relatórios sobre a prática arquivística, textos didáticos e separatas em formato tradicional ou eletrônico, desde que tivesse a notação de ISBN e ISSN. Não foram incluídos blogs e publicações informais ou textos com menos de três páginas. Quanto aos textos publicados em mais de um lugar, foi considerado somente uma vez, sendo esta, a obra mais recente⁷.

A delimitação dos objetos desse autor foi mais ampla, percorrendo toda região ibero-americana. Apesar das diferenças em proporção e abrangência, podem-se notar semelhanças quanto ao resultado obtido. Comparando as duas pesquisas, é possível verificar que os Grupos Temáticos 1 e 3, referentes à Evolução da Ciência Arquivística e ao uso de Tecnologias respectivamente, assemelham-se em percentagem total. Essas duas áreas apresentam relativamente uma baixa produção quanto ao total, ficando entre 10 a 15% dos trabalhos.

Contudo, observam-se também diferenças entre os estudos. Na pesquisa de Voutssás Márquez (2016), os trabalhos relacionados do grupo 4, referentes à legislação e normatividade, registram a mais baixa produção relativa, com menos de 10% do total. Já no caso da UFRGS esse número se equipara ao dos grupos anteriormente citados.

A grande diferença está nos percentuais quanto aos grupos 2 e 5 relacionados à produção quanto a prática Arquivística e os assuntos ligados à Sociedade. O ápice do número total de trabalhos ibero-americanos se encontra vinculada à prática arquivística (48%), já a produção dos temas ligados à Sociedade não chegam a um quinto da amostra (19%).

Na UFRGS, o ápice percentual está ligado ao número de trabalhos ligados às questões da Sociedade e seu entorno (31%), ficando equilibrado com o número de

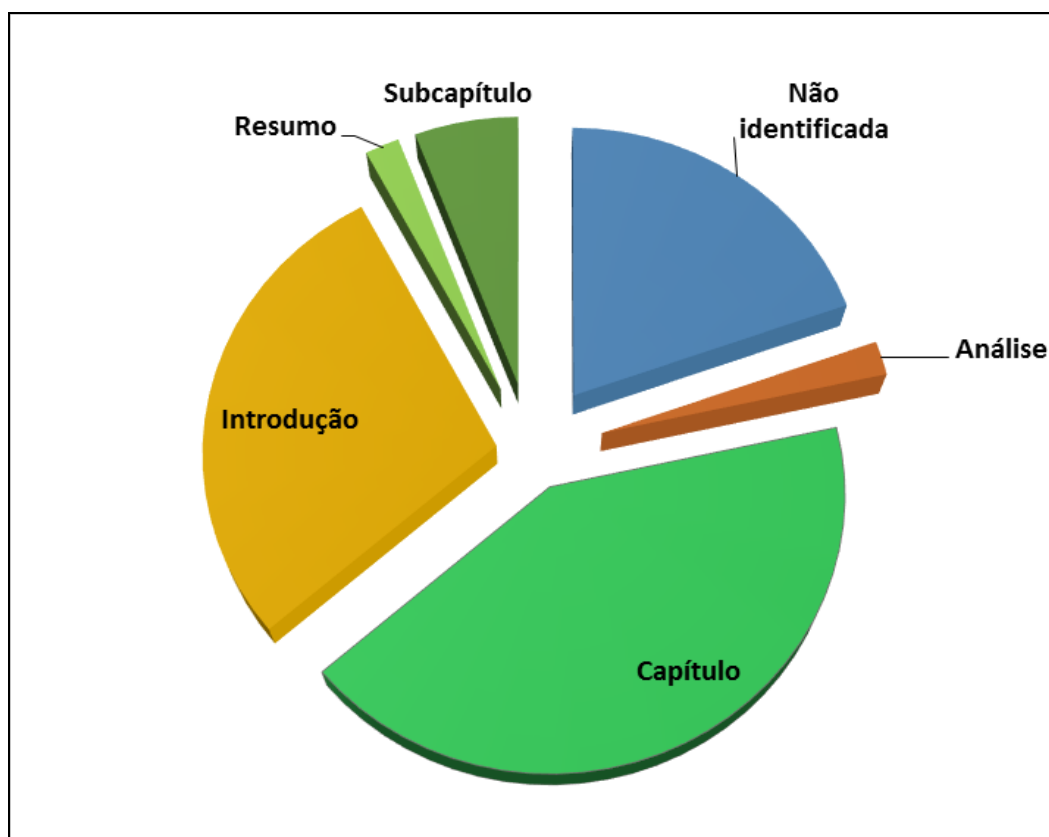
⁷ Outras especificações sobre a metodologia utilizada podem ser encontradas na obra do autor referido (VOUTSSÁS MÁRQUEZ, 2016).

trabalhos que enfocam a prática arquivística (30%). Esse resultado pode estar sendo influenciado pelo curso ser relativamente novo, não tendo o peso histórico da prática e número de disciplinas sociais obrigatórias e eletivas.

4.2 METODOLOGIAS DE PESQUISA DOS TCCs

O segundo ponto de análise deste trabalho é a questão da metodologia utilizada nos trabalhos. O estudo foi iniciado pelo local onde essa informação foi encontrada no TCC. Pode-se perceber a tendência da metodologia estar designada em um capítulo específico ou na introdução, em alguns casos num subcapítulo. Foram poucos casos onde ela só aparecia na análise, não era identificada ou estava situada apenas no resumo (Gráfico 5).

Gráfico 5 – Local da de Explicação da Metodologia nos trabalhos.



Fonte: Elaborado pela autora.

No Gráfico 6 na próxima página, são mostradas as nomenclaturas utilizadas nos trabalhos. Houve uma diversidade de categorizações quanto à metodologia que o autor cita em seu TCC. Ressalta-se que mais de uma descrição puderam ser utilizadas no mesmo trabalho, pois muitas são complementares. Assim também, houve trabalhos em que o autor não nomeou uma metodologia especificamente.

Conforme pode ser visto, existe uma ampla escolha pelo Estudo de Caso, pela Pesquisa Bibliográfica e pela Pesquisa Documental. Portanto, muitos dos formandos escolhem estudar mais a fundo um ou algumas instituições *in loco*, realizar uma revisão bibliográfica de um assunto específico ou um estudo baseado na análise de documentações específicas.

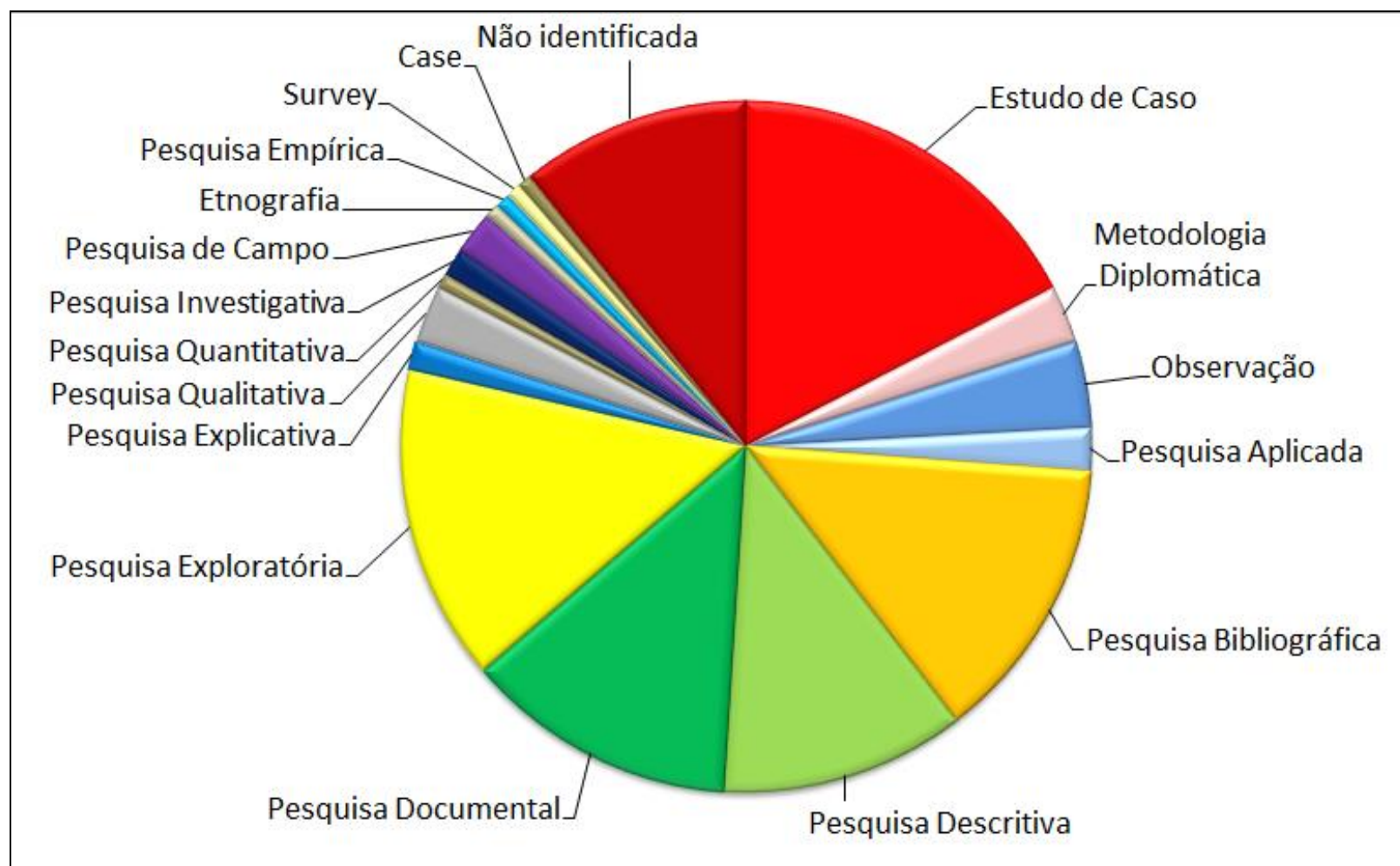
No caso da escolha de uma instituição, alguns explicitam que é continuação do estudo realizado durante seu estágio, mas não é uma unanimidade. Assim como era esperado o estudo de instituições, a escolha pela pesquisa documental parece coerente num curso de Arquivologia. Já o aprofundamento de uma temática na pesquisa bibliográfica é um estudo mais teórico.

Houve uma menor incidência da coleta de dados através da Observação, da Pesquisa de Campo e do Levantamento de Campo (*Survey*). Todos tiveram uma baixa incidência em relação ao total.

Dentro do grupo que categorizou como Observação, os autores subdividiram Observação em Direta e Indireta, mas para a preparação do gráfico geral das nomenclaturas, preferiu-se agrupá-las. A Pesquisa de Campo parece também coerente com o curso, uma vez que é focada em descobrir características de uma determinada população, segundo determinadas variáveis. Contudo, também são interessantes as *Surveys* que se caracterizam pela interrogação direta a um grupo significativo de pessoas sobre algum comportamento que se deseja conhecer, obtendo as conclusões através da análise quantitativa dos dados.

Quanto ao objetivo geral da pesquisa, a ampla maioria classificou como Exploratória na qual se deseja atingir uma maior familiaridade com um problema para torná-lo mais explícito e construir hipóteses. Essa tendência foi seguida, em segundo lugar, pela classificação como Descritiva. Essa categoria tem o objetivo de descrever características de determinada população ou fenômeno ou estabelecer relações entre variáveis. Poucos categorizaram como Explicativa que tem preocupação de fatores que determinam ou que contribuem na ocorrência dos fenômenos.

Gráfico 6 – Metodologia: nomenclaturas utilizadas pelos autores dos TCCs.



Fonte: Elaborado pela autora.

Ainda na análise do gráfico anterior (GRÁFICO 6), pode-se observar que há um número reduzido de autores utilizaram metodologias específicas ou de outras áreas como a Etnografia, a Metodologia Diplomática e a Pesquisa Investigativa. Esses tipos de pesquisa são implementados em áreas afins à Arquivologia, como a Sociologia, a Diplomática e a Educação.

Houve uma baixa incidência de algumas nomenclaturas como Pesquisa Aplicada, Pesquisa Empírica, Pesquisa Qualitativa e Pesquisa Quantitativa. Em seguida, ponderamos sobre a utilização de cada uma delas.

Conforme o autor Gil ressalta que não é indicada a categorização de uma Pesquisa como aplicada. O motivo dessa indicação é que o intuito prático pode levar à descoberta de princípios científicos.

Houve também a categorização da pesquisa como Empírica. A pesquisa com base empírica que é planejada e realizada em estreita associação com uma ação.

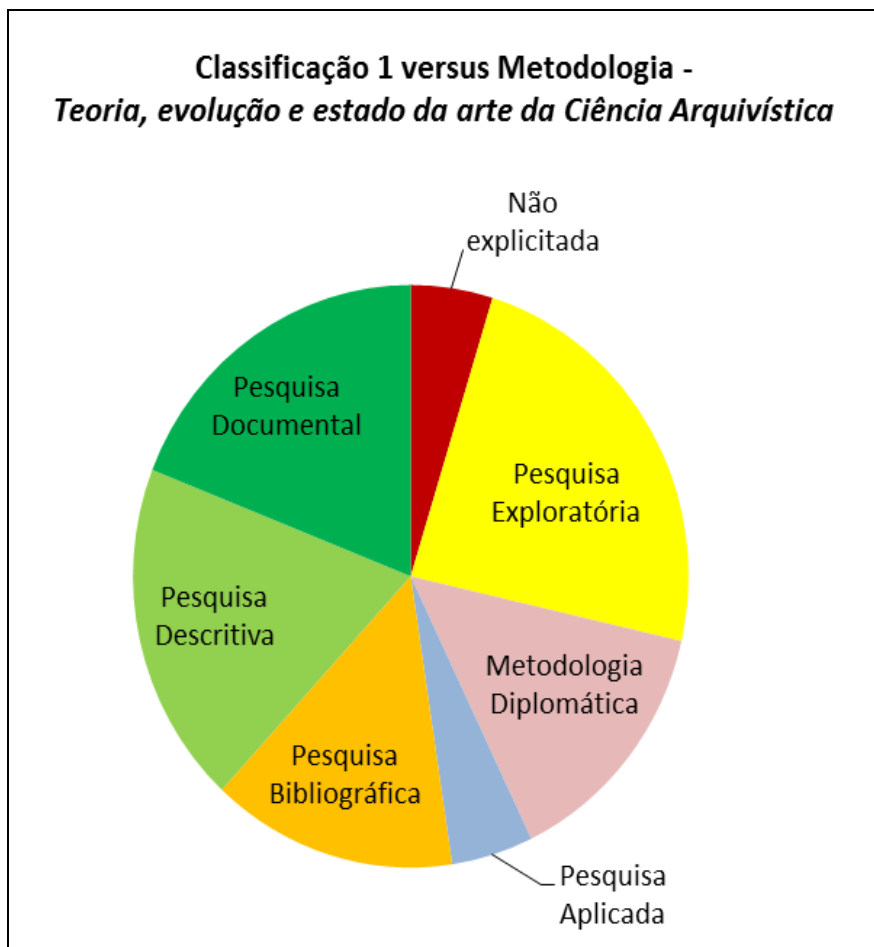
Finalmente, houve a utilização das nomenclaturas Pesquisa Quantitativa e Pesquisa Qualitativa. Muitos autores dos TCCs referenciaram esses termos como a abordagem para a análise dos dados. Quando se tratava da análise numérica, algumas vezes, com a utilização na análise estatística, eles categorizaram como análise quantitativa. Já quando se tratava da categorização de dados e sua interpretação se referia à análise qualitativa. Contudo, elas também podem ser utilizadas para categorizar a pesquisa como um todo.

Nas Pesquisas Quantitativas, as categorias são frequentemente estabelecidas inicialmente, auxiliando o trabalho analítico. Os dados são geralmente apresentados em tabelas. Já nas Pesquisas Qualitativas, as categorias em geral são reexaminadas e modificadas sucessivamente para poderem ser mais abrangentes e significativos. Assim, costumam-se valer de textos narrativos, matrizes e esquema para relatar os dados.

4.3 METODOLOGIA VERSUS TEMÁTICA

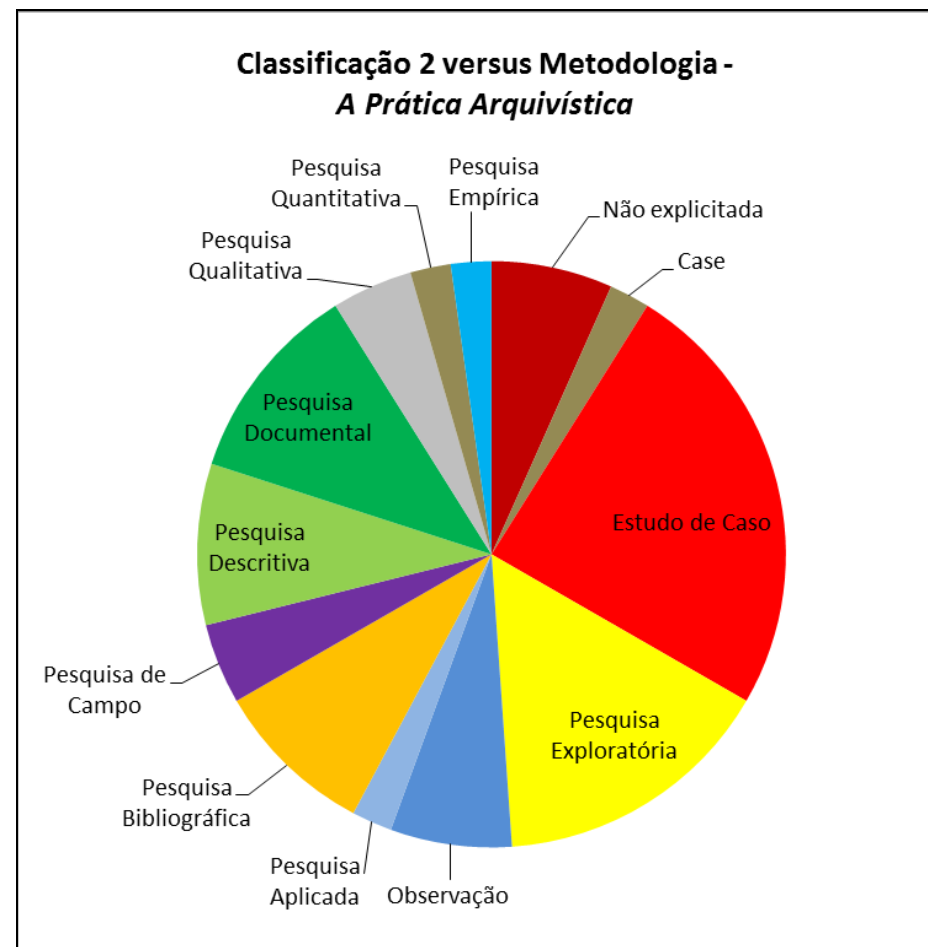
Neste subcapítulo são apresentados os resultados quanto ao cruzamento entre a metodologia e a temática implementada nos TCCs. Após os cinco gráficos comparativos a seguir são feitas as análises (GRÁFICOS 7, 8, 9 10 e 11).

Gráfico 7 – Classificação Grupo Temático 1 e Metodologia.



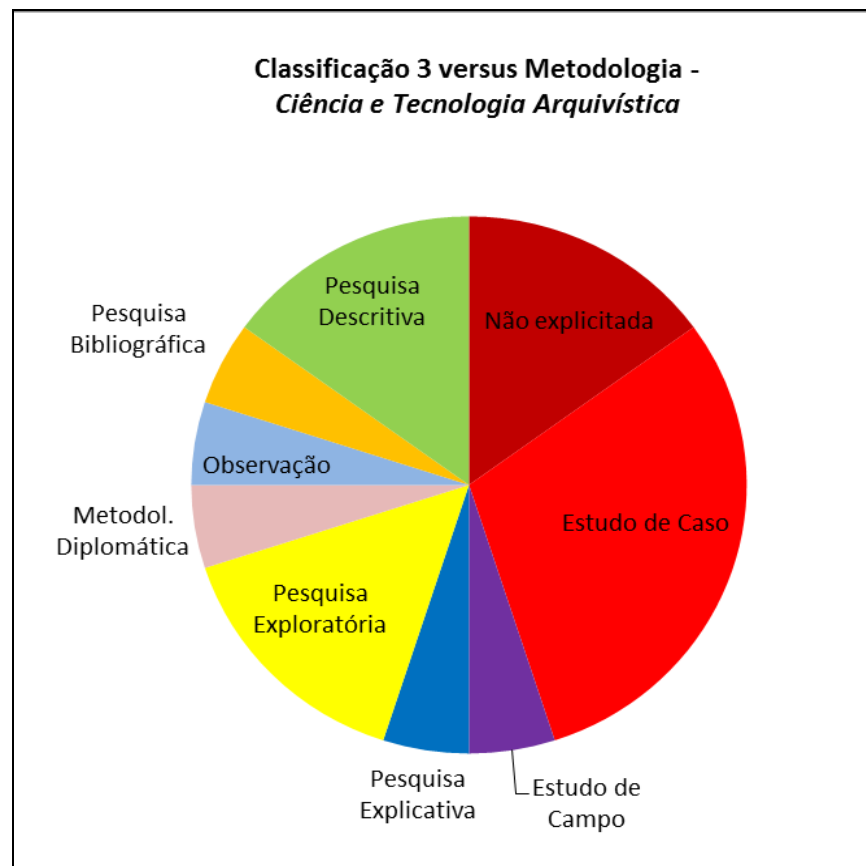
Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 8 – Classificação Grupo Temático 2 e Metodologia.



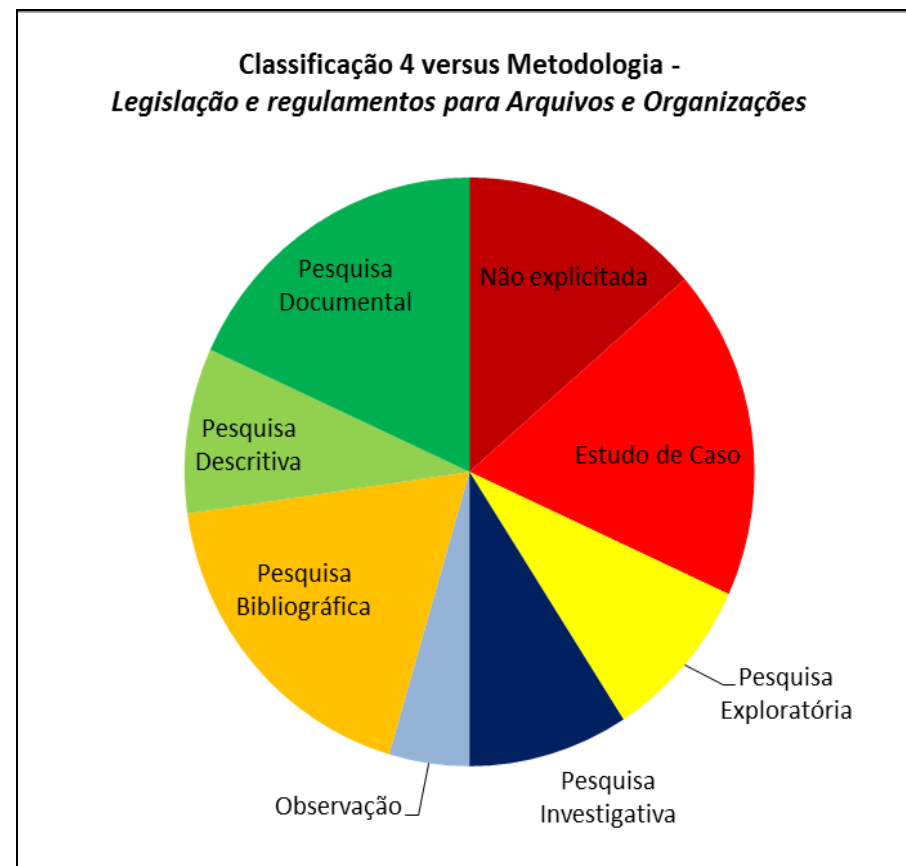
Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 9 – Classificação Grupo Temático 3 e Metodologia.



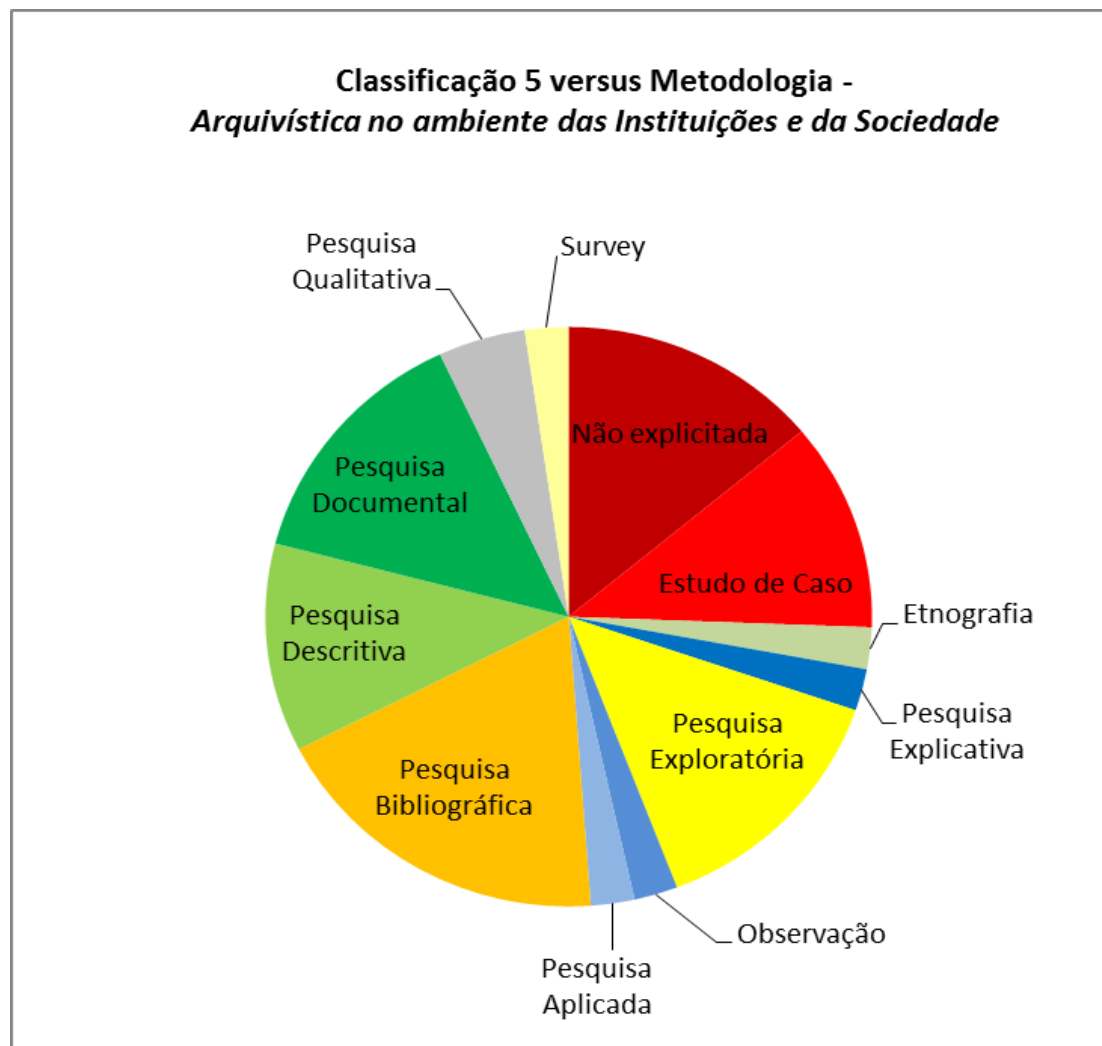
Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 10 – Classificação Grupo Temático 4 e Metodologia.



Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 11 – Classificação Grupo Temático 5 e Metodologia.



Fonte: Elaborado pela autora.

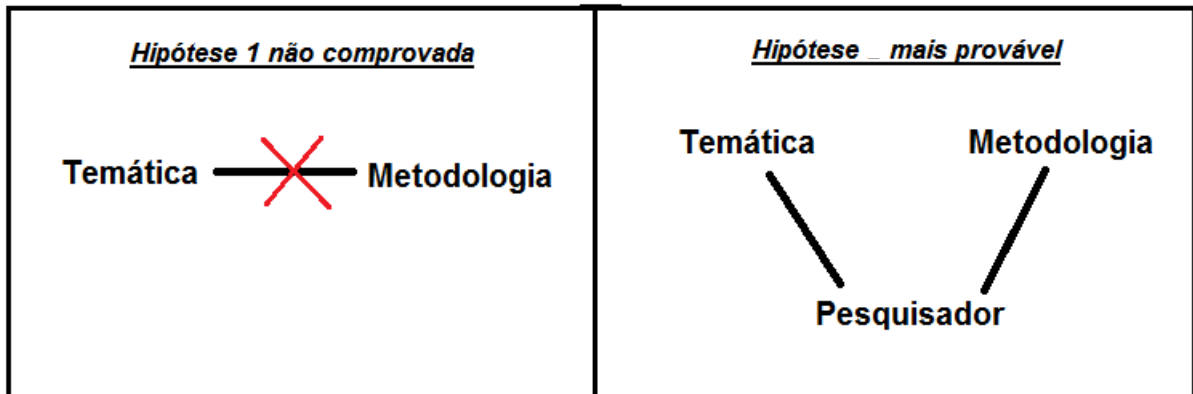
Conforme pode ser visto nos Gráficos 7 a 11, não existe uma uniformidade quanto à escolha metodológica utilizada nos TCCs quando são divididos por grupo temático. Existe uma diversidade de métodos escolhidos nos cinco grupos.

Nota-se que naqueles grupos temáticos em que havia um maior número de trabalhos estudados, há uma maior divisão de metodologias. Esse efeito pode ser observado nos Gráficos 8 e 11.

Ainda assim, todos os grupos temáticos apresentam trabalhos em que a nomenclatura não é explicitada. Além disso, todos eles apresentaram um grupo significativo indicando a escolha da Pesquisa Exploratória e da Pesquisa Bibliográfica. Apesar dessas similaridades, não há nada que indique uma relação ou discrepância entre os gráficos.

Após discussão, chegou-se a possibilidade de ilustração conforme observamos na Figura 2 abaixo. Dessa forma, especula-se que existem outras questões ligadas mais ao pesquisador e seus objetivos para definir a escolha metodológica e a temática.

Figura 2 – Análise das Hipóteses da Pesquisa quanto aos resultados encontrados.



Fonte: Elaborado pela autora.

Sugere-se que estudos mais aprofundados poderiam esmiuçar esse viés de pesquisa por se tratar de um tema rico em dados para a área. A análise cuidadosa e técnica se faz deveras importante, dadas as novas possibilidades de difusão de trabalhos disponibilizadas pela universidade. Os dados sobre a difusão no Lume são apresentados no próximo subcapítulo.

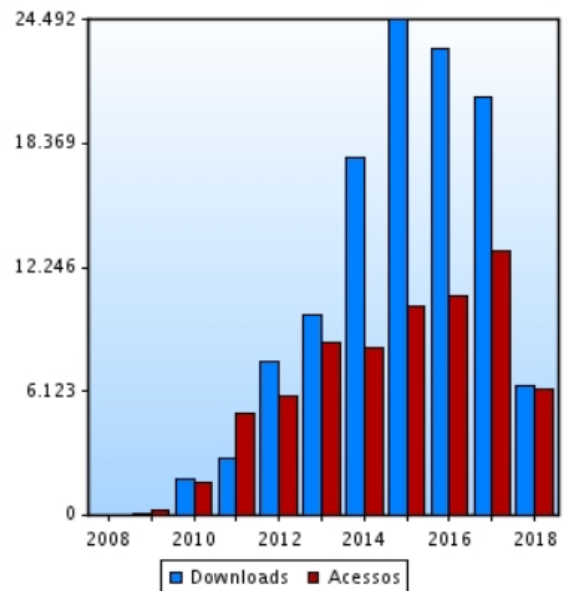
4.4 ACESSOS AOS TCCs DIGITAIS (Lume)

O impacto nacional e internacional dos trabalhos de conclusão do curso de Arquivologia da UFRGS pode ser observado através dos relatórios disponíveis pelo Lume. Conforme a estatística disponibilizada abaixo (GRÁFICO 12), durante o período entre outubro de 2009 a maio de 2018, os TCCs foram acessados 70.076 vezes e foram efetuados 114.445 *downloads*⁸.

Gráfico 12 – Acessos e downloads dos TCCs do Curso de Arquivologia da UFRGS, entre outubro de 2009 e maio de 2018, divisão por ano.

Estatísticas por ano

Ano	Downloads	Acessos
2008	0	0
2009	71	255
2010	1742	1640
2011	2773	5072
2012	7597	5852
2013	9941	8503
2014	17710	8284
2015	24488	10335
2016	23085	10821
2017	20667	13097
2018	6371	6217
Total	114445	70076



Fonte: Estatísticas disponibilizadas pelo Repositório Digital da UFRGS – Lume, em maio de 2018.

Na listagem dos oito países que mais apresentaram acesso aos trabalhos estão: Brasil, Alemanha, Estados Unidos, China, Portugal, Moçambique, França, Angola. Quanto aos downloads, a sequência de países se modifica um pouco, entre os 8 que mais apresentaram *downloads* estão: Brasil, Estados Unidos, China, Portugal, França, Moçambique, Alemanha e Canadá. Observa-se que, nessa lista, pelo menos a metade do grupo de países não tem a língua portuguesa como oficial. Esses dados podem ser vistos no Gráfico 13 a seguir.

⁸ Conforme informação verbal fornecida pelo Bibliotecário Ismael Maynard Bernini, atualmente bolsista da Biblioteca da FABICO, a estatística de Acesso se refere a leitura online no site do LUME, sem que tenha sido feito o download.

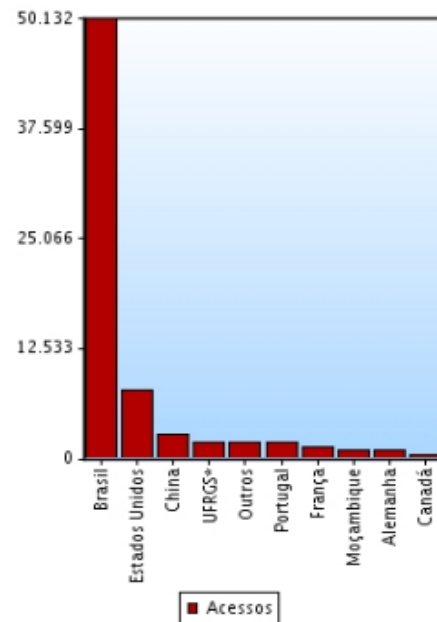
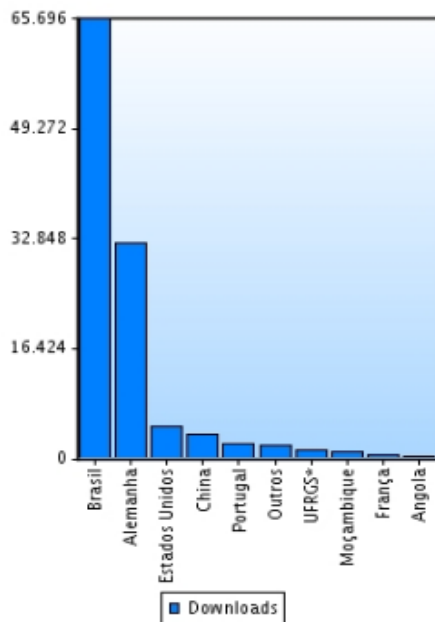
Gráfico 13 – Acessos e downloads dos TCCs do Curso de Arquivologia da UFRGS, entre 2009 e maio de 2018, dados resumidos da divisão por País.

Downloads por país

País	Downloads
Brasil	65690
Alemanha	32309
Estados Unidos	4958
China	3687
Portugal	2235
? Outros	1897
UFRGS*	1199
Moçambique	1094
França	498
Angola	289

Acessos por país

País	Acessos
Brasil	50127
Estados Unidos	7779
China	2726
UFRGS*	1936
? Outros	1899
Portugal	1844
França	1415
Moçambique	1043
Alemanha	1023
Canadá	438



*Os dados referentes a UFRGS estão incluídos nos dados do Brasil.

Fonte: Estatísticas disponibilizadas pelo Repositório Digital da UFRGS – Lume, em maio de 2018.

Especula-se que o alto número de acessos está relacionado à reputação da universidade federal. Esse índice também demonstra a responsabilidade da produção de trabalhos com conteúdo condizentes ao alto nível da Instituição.

A listagem completa que incluem países como, por exemplo, Botswana, Bielorrússia, Chipre, Djibouti, Estônia, Guatemala, Jordânia, Laos, Myanmar, Maldivas, Nova Zelândia, Porto Rico, Catar, Seychelles, Sudão, Eslovênia e Tunísia, está disponível no Anexo C.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao mergulhar no cenário dos trabalhos de conclusão em Arquivologia disponíveis pelo repositório digital da UFRGS, pode-se observar a criatividade e genuína curiosidade dos alunos através da amplitude de temas e interesses apresentados (APÊNDICE A). Considerando todas as dificuldades para produzir uma monografia dessa complexidade pelo graduando, podemos encontrar os pontos positivos e sugestões através dos resultados desta pesquisa.

O objetivo proposto de ter uma visão panorâmica foi alcançado e delimitou-se que a temática não é diretamente relacionada com a escolha da metodologia de pesquisa. Por se tratar de um viés de pesquisa tão rico, pode-se pensar em serem trabalhados com mais tempo, sendo estudado de uma forma mais aprofundada.

O futuro desta pesquisa poderia se dar no aprofundamento dos critérios para a classificação temática dos trabalhos e a análise minuciosa sobre as características de cada um deles. Assim também, a forma em que as metodologias são aplicadas nessas pesquisas e a escolha correta para cada tipo de pesquisa.

A partir da experiência deste trabalho, que irá se agregar a todos os outros TCCs já produzidos, destaca-se o desafio do planejamento e programação entre duas variáveis conflitantes: tempo e aprofundamento da pesquisa. Consegue-se ter uma dimensão pelo que todos alunos passaram.

As nuances sedutoras que se apresentam no desenvolvimento da pesquisa e a ampliação do entendimento sobre o objeto de estudo traz muitas armadilhas quanto à produção de um texto final. O amadurecimento do pesquisador se dá no entendimento do quanto se pode produzir em determinado período, com determinados recursos, pois vontade é de sempre se avançar cada vez mais e conhecer cada vez mais. Esse fenômeno é o que torna o ensino universitário uma peça preciosa na engrenagem em termos de educação.

Conhecer mais significou conhecer as nuances dos trabalhos, seus propósitos e se apaixonar por todas as possibilidades. Entender o olhar de cada indivíduo, seus desafios, suas dificuldades e suas vitórias quanto aos avanços. Esse objeto rico que são os trabalhos científicos dos alunos deveria ser amplamente estudado, pois, apesar das dificuldades pela falta de amadurecimento da metodologia científica, trazem muita criatividade e abertura para novos caminhos da área arquivística em sua forma bruta, ainda não perfeitamente lapidada. Em todo esse processo, da

primeira lapidação ressalta-se a importância do orientador e do coorientador no passo a passo do desenvolvimento para que se chegue ao resultado desejado pelo aluno.

Em um panorama geral, a Arquivologia tem se desenvolvido em novas frentes e alguns autores já estão demarcando esses novos territórios a serem trilhados (APÊNDICE C). O graduando da UFRGS pode e deve aproveitar esses novos espaços para construir seus trabalhos, tendo a possibilidade de difundir-los nacional e internacionalmente.

REFERÊNCIAS

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: ArtMed, 2009. (Coleção pesquisa qualitativa).

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. (Publicações Técnicas; n. 51). Disponível em: <http://www.arquivonacional.gov.br/images/pdf/Dicion_Term_Arquiv.pdf>. Acesso em: 15 mai 2018.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Conselho Nacional de Arquivos. **Cursos de Arquivologia no Brasil**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2018. Disponível em: <<http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/links-uteis/389-cursos-de-arquivologia-no-brasil.html>> Acesso em: 30 mai 2018.

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Graduação**. Rio de Janeiro: AAERJ, 2013. Disponível em: <<http://www.aaerj.org.br/a-profissao/graduacao/>>. Acesso em: 30 maio 2018.

BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

BABBIE, Earl. **Métodos de Pesquisas de Survey**. Belo Horizonte, UFMG, 2005.

BIANCHINI, T. B.; SUART JÚNIOR, J. B. A composição didática de uma atividade investigativa: uma análise estrutural e conceitual. **Latin American Journal of Science Education**, n. 1, p. 1-15, v. 12044. Disponível em: <http://www.lajse.org/may15/12044_Bianchini.pdf>. Acesso em: 30 maio 2018.

BRASIL. **Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011**. Lei de Acesso à Informação. Brasília, DF, 18 nov. 2011. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12527.htm>. Acesso em: 10 maio 2018.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos Permanentes: tratamento documental**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BOENTE, Alfredo; BRAGA, Gláucia. **Metodologia científica contemporânea para universitários e pesquisadores**. Rio de Janeiro: Brasport, 2004.

BONAL-ZAZO, José Luis. Paradigmas de Investigación en Archivística. VALENTIM, Marta.Lígia.Pomim (Org.). **Estudos avançados em Arquivologia**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 69-90.

DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

FEITOSA, Luiz Tadeu. Prefácio. In: PINTO, Virgínia Bentes; VIDOTTI, Silvana Aparecida Borsetti Gregório; CAVALCANTE, Lídia Eugênia (Orgs.). **Aplicabilidades metodológicas em Ciência da Informação**. Fortaleza: Edições UFC, 2015. p. 7-10.

FERREIRA, Rafael Chaves; KONRAD, Glaucia Vieira Ramos. O ensino de Arquivologia no Brasil: o caso dos cursos de arquivologia do RS. **Biblos**: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v.28, n.3 spe. 2014.

FLICK, Uwe. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: ArtMed, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARQUES, Angelica Alves da Cunha. A Arquivologia no Brasil: algumas considerações históricas e sua configuração atual. In: RODRIGUES, Georgete Medleg; COSTA, Marli Guedes (Orgs.). **Arquivologia**: configurações da pesquisa no Brasil: epistemologia, formação, preservação, uso e acesso. Brasília: Ed. UNB, 2012. p. 21-36.

MOTTA-ROTH, Désirée. Abordagens investigativas no estudo de práticas discursivas: uma questão de metodologia ou de bom senso? In: FREIRE, Maximina M.; ABRAHÃO, Maria Helena Vieira; BARCELOS, Ana Maria Ferreira. (Orgs.) **Linguística Aplicada e Contemporaneidade**. São Paulo: ALAB, 2005. p. 65-83. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/desireemroth/algumas_publicacoes/CBLA2005-Pesquisa_como_bom_senso.pdf>. Acesso em: 30 maio 2018.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia Científica**: um manual para realização de pesquisas em administração. Catalão, GO: UFG, 2011.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas 2010.

SANTOS, Vanderlei Batista dos. **A Arquivística como disciplina científica**: princípios, objetivos e objetos. Salvador: 9Bravos, 2015.

SCHELLENBERG, Theodore Roosevelt. **Arquivos modernos**: princípio e técnicas. 6. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

SCHMIDT, Clarissa Moreira dos Santos. **Arquivologia e a construção do seu objeto científico**: concepções, trajetórias, contextualizações. 2012. 320f. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde.../ClarissaMSSchmidt_revisada.pdf>. Acesso em: 10 abr 2018.

SILVA, Armando Malheiro da et al. **Arquivística**: teoria e prática de uma ciência da informação. 2. ed. Porto: Edições Afrontamento, 2002. v.1

SILVA, Eliezer Pires da. A noção de informação arquivística. In: RODRIGUES, Georgete Medleg; COSTA, Marli Guedas da (Orgs.). **Arquivologia**: configurações da pesquisa no Brasil. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012. p. 37-68.

SILVA, Rita de Cássia Portela. A pesquisa e a formação de arquivistas na UFRGS: um olhar para os TCC's do Curso de Arquivologia. **Archeion Online**, João Pessoa, v.4, n.2, p.43-62, jul./dez. 2016. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/50898>>. Acesso em: 10 abr 2018.

SOUSA, Renato Tarciso Barbosa de. Prefácio. In: SANTOS, Vanderlei Batista dos. **A Arquivística como disciplina científica**: princípios, objetivos e objetos. Salvador: 9Bravos, 2015. P. 9-10.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Apresentação**. Porto Alegre: UFRGS, c2018a. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ufrgs/pesquisa-e-inovacao/apresentacao>>. Acesso em: 10 jan 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Comissão de Graduação em Arquivologia. **Resolução 01/2006**. Modificações na Grade Curricular do Curso de Arquivologia. Porto Alegre, UFRGS, 2006.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Comissão de Graduação em Arquivologia. **Projeto Pedagógico do Curso de Arquivologia**. Porto Alegre: UFRGS, 2014. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/fabico/documentos-graduacao-e-comgrads/comgrad-aql/projeto-pedagogico-arquivologia-2014>>. Acesso em: 20 mai 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Comissão de Graduação em Arquivologia. **Resolução nº 03/2017**, Porto Alegre, UFRGS, 2017a. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ufrgs/ensino/graduacao/cursos/exibeCurso?cod_curso=301>. Acesso em: 10 mai 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Comissão de Graduação em Arquivologia. **Curso de Arquivologia**. Porto Alegre: UFRGS, c2018b. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/fabico/graduacao/arquivologia>>. Acesso em: 10 jan 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Comissão de Graduação em Arquivologia. **Projeto Pedagógico do Curso de Arquivologia**. Porto Alegre: UFRGS, 2017b. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/fabico/documentos-graduacao-e-comgrads/PPCARQUIVOLOGIA.pdf>>. Acesso em: 10 jan 2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Conselho Universitário. **Decisão nº 112/1999**. Aprova e autoriza o Curso de Arquivologia. Porto Alegre, 30 jul. 1999. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/159834/norma_Dec_CONSUN_publicavel_1999_112_3117.pdf?sequence=1>. Acesso em: 15 abr. 2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Pró-Reitoria de Graduação. **Instrução Normativa nº 01/2010**. Regulamenta a disponibilização de trabalho de conclusão de curso de graduação (TCC) no Lume. Porto Alegre, 21 jan. 2010. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/arquivos_download/Instrucao_Normativa.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL Repositório Digital. **Apresentação**. Porto Alegre: UFRGS, c2018c. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/apresentacao>>. Acesso em: 10 jan 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL Secretaria de Avaliação Institucional. **Avaliação institucional**: resultados relacionados com o IGC 2016 – Todo o País 2016. Porto Alegre: UFRGS, 2016. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/sai/dados-resultados/arquivos/UFRGS-IGC%202016.pdf>>. Acesso em: 10 jan 2018.

VOUTSSÁS MÁRQUEZ, Juan. **Estado del Arte de la Archivística Iberoamericana a Través de sus Publicaciones 1986-2016**. México: Archivo General de la Nación, 2016. Disponível em: <https://www.gob.mx/cms/uploads/attachment/file/278267/Estado_del_Arte_-_JVM.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2018.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

**APÊNDICE A – Listagem dos Trabalhos de Conclusão do Curso de
Arquivologia da UFRGS utilizados na análise**

Ano	Nome	AUTOR
2008	A Formação em Arquivologia na Cidade de Porto Alegre: dos Cursos Livres à Graduação Universitária	VINÍCIUS MITTO NAVARRO
2008	A produção da informação audiovisual na televisão: um estudo preliminar sobre os documentos U-Matic do Arquivo da TVE-RS	YURI VICTORINO INÁCIO DA SILVA
2008	Gestão arquivística de processos judiciais híbridos no Tribunal Regional Federal da 4a. Região.	HELENA MARQUES BASTOS
2009	A Gestão Sistêmica de Arquivos a partir da Análise dos Sistemas Estaduais de São Paulo e Rio Grande do Sul	FABIANE MARQUES BELÉM
2009	Entre as quatro linhas: estudo da gênese e do fluxo da informação para a manutenção do campo do Estádio da Beira-Rio.	ANGÉLICA CORVELLO SCHWALBE
2009	ÉTICA PROFISSIONAL E ARQUIVOLOGIA NA COMPLEXIDADE DOS ARQUIVOS MÉDICOS	ADRIANO TADEU MOTTIN OCHANOWSKI
2009	Descrição Arquivística entre Normas e Práticas: Contraponto entre a Teoria e a Realidade em um Arquivo Eclesiástico	THAÍSE MONTEIRO SARMENTO
2009	ARQUIVOS PESSOAIS: PROPOSTA DE ORGANIZAÇÃO DO ACERVO DO CARTUNISTA SANTIAGO	VIVIAN EIKO NUNES FUJISAWA
2009	MIGRAÇÃO DE SUPORTE DE FITAS MAGNÉTICAS DE ÁUDIO CASSETÊ: UM ESTUDO PRELIMINAR DO TRIBUNAL REGIONAL DA 4ª REGIÃO - TRF4	MAURO SÉRGIO DA ROSA AMARAL
2009	SAÚDE E SEGURANÇA EM ACERVOS DOCUMENTAIS: a conscientização sobre as condições adequadas no ambiente de trabalho	DANIELE RODRIGUES XARÃO
2009	A ARQUIVOLOGIA NAS REDES SOCIAIS DO CIBERESPAÇO	CAMILA LACERDA COUTO
2009	NOBRADE e a descrição de fotografias nas diversas áreas da Ciência da Informação.	LUSIANE VIVIAN MARTINEZ
2009	CONTRATOS DE AMOR: Actio e Conscriptio nos documentos decorrentes de uniões conjugais no Brasil	JULIANA RIBEIRO LOPES
2009	DESCRIÇÃO ARQUIVÍSTICA DIFERENÇAS E DIVERGÊNCIAS TERMINOLÓGICAS SOBRE OS INSTRUMENTOS DE PESQUISA	CLÉO BELICIO LOPES
2009	O PROBLEMA DOS ARQUIVOS UNIVERSITÁRIOS: o estudo do caso do Arquivo do Instituto de Artes da UFRGS Porto Alegre	CARLOS AUGUSTO DE SOUZA BRASIL
2009	“ACESSO LIMITADO”: AS LACUNAS DA INFORMAÇÃO INSTITUCIONAL DO MUSEU DE COMUNICAÇÃO SOCIAL HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA	ANA LETÍCIA DE ALENCASTRO VIGNOL
2010	A NARRAÇÃO ESPORTIVA NO RÁDIO COMO TESTEMUNHO: Múltiplas emoções preservadas em um arquivo sonoro	DÉCIO SCHWELM VIDAL
2010	DESCRIÇÃO ARQUIVÍSTICA EM PROCESSO JUDICIAL ELETRÔNICO: Estudo de caso em processos da Justiça Federal do Rio Grande do Sul	MARIETA MARKS LÖW
2010	A ARQUIVÍSTICA SOCIAL EXPRESSA NA DECLARAÇÃO UNIVERSAL SOBRE OS ARQUIVOS: O CASO DOS ARQUIVISTAS SEM FRONTEIRAS - ASF	JACKSON GUTERRES DOS SANTOS
2010	ARQUIVOLOGIA E SUSTENTABILIDADE: um novo desafio para o arquivista	LAURA ISABEL MARCACCIO ARCE
2010	COMPANHIA CARRIS PORTO-ALEGRENSE: Estudo de Caso do Arquivo Geral	IARA GOMIDE MACHADO

2010	ATIVIDADES CULTURAIS E EDUCATIVAS EM ARQUIVOS: um estudo de caso sobre o Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho	LIZIANE UNGARETTI MINUZZO
2010	A DIVULGAÇÃO DOS ARQUIVOS PÚBLICOS ATRAVÉS DE SEUS WEBSITES	NÚBIA MARTA LAUX
2010	Estudo sobre os acervos dos pracinhas da Força Expedicionária Brasileira: documentação pessoal dos veteranos e sua difusão.	CRISTAL MAGALHÃES DA ROCHA
2010	PRÊMIO DIREITOS HUMANOS DE JORNALISMO: o jornalismo nos arquivos	ROBERTA PINTO MEDEIROS
2011	ARQUIVOS, MEMÓRIA E JUSTIÇA: Gestão Documental e Preservação de acervos judiciais no Rio Grande do Sul	FERNANDA CHEIRAN PEREIRA
2011	“OS VERENDOS RESTOS DA SUBLIME GERAÇÃO FARROUPILHA, QUE ANDEI A RECOLHER DE ENTRE O PÓ DAS IDADES”: uma história arquivística da Coleção Varela.	ANA INES ARCE
2011	POLÍTICA DE PRESERVAÇÃO DE DOCUMENTOS ARQUIVÍSTICOS DIGITAIS: O caso do Tribunal Regional Federal da 4a Região	PÂMELA GONÇALVES ANDRES
2011	CONTRATOS E CERTIDÕES DA SECRETARIA MUNICIPAL DA FAZENDA DE PORTO ALEGRE: Análise Diplomática e Tipológica de Documentos	JORGE LAMPERT DE ALMEIDA
2011	ANÁLISE DIPLOMÁTICA DOS PROJETOS DA MODERNIZAÇÃO DA ESTAÇÃO DE TRATAMENTO DA HIDRÁULICA MOINHOS DE VENTO	MARÍLIA KAROLINE LOPES LOPES
2011	RESGATANDO A CONSTRUÇÃO DE TABELAS DE TEMPORALIDADE DE DOCUMENTOS	MARINEZ TEREZINHA BEHREND
2011	MPM PROPAGANDA SÃO PAULO S/A.: análise tipológica de peças publicitárias impressas	SANDRA MESSA DA SILVA
2011	GESTÃO DE ARQUIVOS PESSOAIS: potencialidades da atuação profissional do arquivista	KARINA SANTOS
2011	SISTEMAS DE ARQUIVOS PÚBLICOS: IMPLANTAÇÃO DE INSTRUMENTOS ARQUIVÍSTICOS PELO ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL	JOANA PEREGRINA HERNANDES
2011	Os arquivos da moda: o uso de bases de dados como instrumento de pesquisa no ateliê de Rui Spohr.	ANA CAROLINA GIRARDI RAIMUNDO
2012	VÍDEOS ONLINE: ESTRATÉGIA DE DIFUSÃO DOS ARQUIVOS	LUCAS RODRIGUES CASTRO
2012	Informatização de Arquivos Históricos: estudo de caso do Arquivo Histórico Sindbancários	ÉRICO FERNANDES DE MORAES
2012	METODOLOGIAS UTILIZADAS NOS ESTUDOS DE USUÁRIOS EM ARQUIVOS	CÁSSIA PEREGRINA HERNANDES
2012	AS CARACTERÍSTICAS ARQUITETÔNICAS DOS EDIFÍCIOS DE ARQUIVO: o espaço como fator determinante na preservação de acervos	LAURA GOMES MACHADO
2012	REFLEXÕES ACERCA DO PENSAMENTO COMPLEXO E SUA RELAÇÃO COM O CONHECIMENTO DA ARQUIVOLOGIA	CARLOS HENRIQUE ARMANI NERY
2012	ARQUIVOS DE ENTRETENIMENTO POPULAR: ANÁLISE DE CONTEÚDO DE ARQUIVOS AUDIOVISUAIS DO YOUTUBE	LAUANA CAROLINE LEMOS RITA
2012	ARQUIVOLOGIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: uma análise da produção da área no Encontro Nacional de Ciência da Informação (ENANCIB).	VANDER LUIS DUARTE RODRIGUES
2012	FOTOGRAFIA E MEMÓRIA O paradigma da fotografia digital no mundo contemporâneo e sua influência na preservação da memória social	LIZIANE FABRA DONADIO

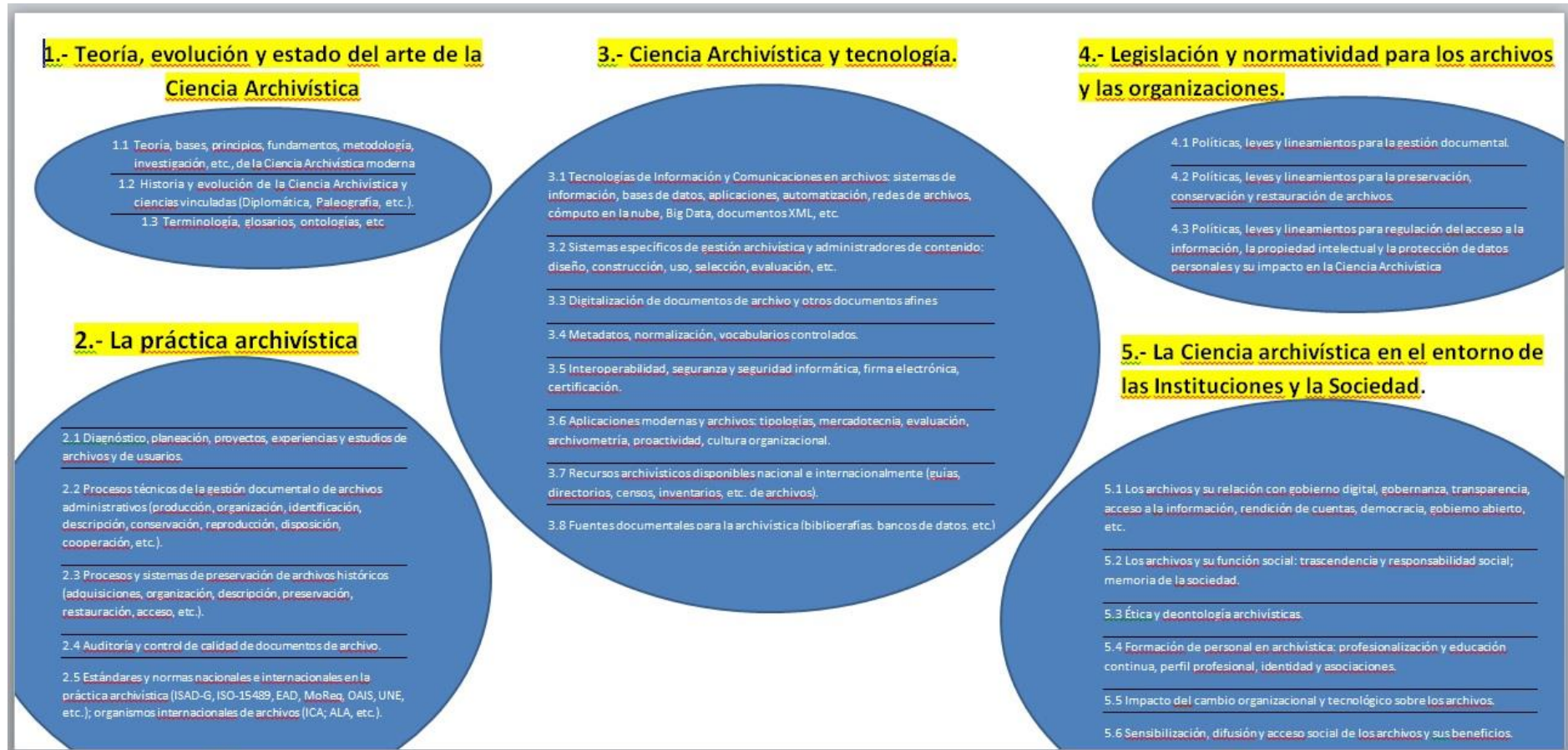
2012	UMA PROPOSTA DE DIFUSÃO PARA O ARQUIVO DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UFRGS	MARIA EDUARDA SILVA DE VARGAS
2012	Políticas públicas para os arquivos: a adoção dos instrumentos de gestão documental relativos às atividades-fim das IFES.	MARICEL BITTENCOURT AGUIRRE
2012	UM ESTUDO HISTÓRICO SOBRE AS LEIS DE ACESSO À INFORMAÇÃO NO BRASIL DE 1991 ATÉ 2012	DAIANA MARQUES FLORES
2012	AS FORMAS DE REPRESENTAÇÃO DA ARQUIVOLOGIA NAS REPORTAGENS VEICULADAS NO JORNAL ZERO HORA MOTIVADAS PELA LEI DE ACESSO À INFORMAÇÃO	ANDRÉA FONTOURA DA SILVA
2012	A PRESERVAÇÃO E CONSERVAÇÃO EM INSTITUIÇÕES ARQUIVÍSTICAS NA CIDADE DE PORTO ALEGRE	ALCIDES RICARDO BARCELLOS
2012	LEI DE ACESSO À INFORMAÇÃO: a implantação dos requisitos de transparência ativa nas universidades federais com cursos de graduação em Arquivologia	GABRIELA VILLANOVA MINETTO
2012	ANÁLISE DO PROCESSO DESCRITIVO COMO PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO ARQUIVÍSTICO: o caso das oitavas de familiares de uruguaios desaparecidos na ditadura militar.	ANNA LUIZA DE MOURA SALDANHA
2012	ARQUIVOLOGIA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL: formação profissional e sua recepção laboral	AMANDA ADAMY WAGNER
2012	A ARQUIVOLOGIA, OS ARQUIVOS E A FORMAÇÃO DE ARQUIVISTAS: A cartografia dos estágios extra-curriculares realizados pelos alunos do Curso de Arquivologia da FABICO/UFRGS no período de 2011/1 a 2012/1	GREICE CARIN DO CANTO ATKINSON
2012	Direito à Informação: as condições de acessibilidade no Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho	PRISCILA GARCIA NUNES
2012	OS ARQUIVOS ECLESIASTICOS COMO FONTES PARA A PESQUISA GENEALÓGICA NO VALE DO RIO DOS SINOS NO RIO GRANDE DO SUL	JEFERSON MONTENEGRO
2012	LEI DE ACESSO À INFORMAÇÃO: adequação do Município de Alvorada (RS) à Lei nº 12.527/2011.	JOUBER LUIS BAMPI
2012	TEATRO DE ARENA - UMA ANÁLISE ARQUIVÍSTICA E ESTATÍSTICA DAS PEÇAS CENSURADAS NA DITADURA MILITAR	LUCIANA MARQUES DA FROTA
2012	MEMÓRIA, ARQUIVO E FUTEBOL: a Análise documental na produção do conhecimento	YZARA DANIELA BEIRÃO MENEGAZ
2013	A POLÍTICA DE GESTÃO DOCUMENTAL DO MUNICÍPIO DE PORTO ALEGRE: Um recorte de 1970 a 2013	TANIA MARIA HACH
2013	AS CERTIDÕES ELETRÔNICAS: UMA ANÁLISE DIPLOMÁTICA CONTEMPORÂNEA	ELDER THOMAS GUARDIOLA
2013	UM ESTUDO SOBRE OS DOCUMENTOS CIVIS DOS COLETIVOS GUARANI EM PORTO ALEGRE, ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL	NINA LOVISE FERREIRA DE ALMEIDA
2013	POLÍTICAS PÚBLICAS DE ARQUIVO: UMA ANÁLISE DOS MUNICÍPIOS DA GRANDE PORTO ALEGRE/RS	FRANCISCO WELITON OLIVEIRA ARAUJO SOUZA
2013	REDES SOCIAIS: UMA NOVA PERSPECTIVA PARA A DIFUSÃO DO PATRIMÔNIO ARQUIVÍSTICO PÚBLICO	ALINE BEATRIZ ASSIS DUARTE
2013	ARQUIVOS ESCOLARES: Uma análise da situação dos arquivos das escolas estaduais do RS	MARIANE ROCHA DIAS BARROS
2013	LEI DE ACESSO À INFORMAÇÃO: APLICABILIDADE JUNTO AO INSTITUTO NACIONAL DO SEGURO SOCIAL (INSS)	TATIANA CORREA GONÇALVES
2014	A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E A CONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA DE ARQUIVO	GRAZIELE ERIG SANTORUM

2014	AS POLÍTICAS DE PRESERVAÇÃO NO ÂMBITO DE UM ARQUIVO FEDERAL: um estudo de caso	FÁBIO AURÉLIO DA SILVA GOMES
2014	De uma massa documental acumulada à formação do arquivo, da PROGESP!	ÂNGELA FERNANDES DA SILVA
2014	A JUSTIÇA FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL E SEUS DOCUMENTOS: Fontes de Memória	LUCIANA SIMÕES SCHLINKER CAROSIO
2014	A DEFINIÇÃO DE TIPOLOGIAS DOCUMENTAIS PARA O ACERVO DA MINERAÇÃO	JÉSSICA FERNANDA CHERER CARDOSO
2014	UM OLHAR ARQUIVÍSTICO SOBRE O PORTAL DO ALUNO DA UFRGS: uma análise através da metodologia InterPARES	JEAN FELIPE PIRES MOREIRA
2014	COLEÇÃO DE FOTOGRAFIAS COMO PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL E IMAGÉTICO DA EMPRESA DE TRENS URBANOS DE PORTO ALEGRE (TRENSURB)	DÉBORAH GALVÃO DE SOUZA
2014	MEMÓRIA E MINERAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL E SUA RELAÇÃO COM OS ARQUIVOS	MÁRCIA RODRIGUES DE SENA
2014	Repositórios de objetos arquivísticos confiáveis: o software RODA e perspectivas para a preservação da informação digital	DANIEL FERREIRA DA SILVA
2014	TERRORISMO DE ESTADO: Análise diplomática e tipológica de documentos repressivos – Fundo Tarso Dutra	GRAZIELLE ARAUJO BARCELLA
2014	O USO DOS ARQUIVOS POR HISTORIADORES: um estudo de caso da pesquisa em História	PRISCILA KOESTER KUHN
2014	ACERVO FOTOGRÁFICO DA EMATER/RS-ASCAR: um estudo de caso sobre difusão em arquivos	FABYOLA DE SOUZA FRAGA
2014	A IMPORTÂNCIA DA GESTÃO DOCUMENTAL NA BRIGADA MILITAR	MAURICIO RICARDO VIEIRA FLORES
2014	A pesquisa em Arquivologia na linha de Patrimônio Documental Arquivístico do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria (PPGPC/UFSM)	FERNANDA SCHERER
2014	ARQUIVOS DA TRADIÇÃO: UMA REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE OS ESTUDOS DE CONTEXTO ARQUIVÍSTICO – O CASO FIGTF	FRANCISCO A. COUGO JR.
2015	A GESTÃO DOCUMENTAL E AS CONTRIBUIÇÕES DA ISO 15489 E DO E-ARQ BRASIL PARA A GESTÃO DE DOCUMENTOS DIGITAIS	URIEL BATTISTI
2015	BASES DE DADOS GENEALÓGICAS: CONCEITUAÇÃO E APRESENTAÇÃO	SUSANA WEISS PEREIRA
2015	UM ESTUDO DE CASO EM COMPORTAMENTO INFORMACIONAL NA VIAÇÃO OURO E PRATA	LUCIMARA GOMES
2015	TRANSCRIÇÃO PALEOGRÁFICA DE DOCUMENTOS ECLESIASTICOS DO SÉCULO XVIII DO ARQUIVO HISTÓRICO DA CÚRIA METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE	DANIELA MACHADO TEIXEIRA
2015	A GESTÃO DOCUMENTAL E OS IMPACTOS DA CERTIFICAÇÃO DIGITAL NA JUNTA COMERCIAL DO RIO GRANDE DO SUL	FERNANDA FONTOURA DA SILVA
2015	EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO CONTEXTO DOS DOCUMENTOS ARQUIVÍSTICOS	KARINE MARTINS LEITE
2015	ANÁLISE COMPARATIVA DE TERMOS ARQUIVÍSTICOS EM LÍNGUA PORTUGUESA.	BIANCA CELISTRE
2015	A GESTÃO DOCUMENTAL COMO AGENTE FACILITADOR DA IMPLANTAÇÃO DA LEI DE ACESSO À INFORMAÇÃO	DIEGO DA SILVA RAMOS
2015	Arquivos cinematográficos: um estudo sobre a difusão do acervo da Cinemateca Capitólio	ELIANE CARNIEL DIAS

2015	Gestão da Informação Orgânica para a Tomada de Decisão em uma ONG: Estudo de caso na Brahma Kumaris – Porto Alegre	FRANCINE BERGENTHAL
2016	PROPOSTA ARQUIVÍSTICA PARA UM PROGRAMA DE NECESSIDADES DO ARQUIVO HISTÓRICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL	GRAZIELA MÔNACO VARGAS
2016	A GESTÃO DOCUMENTAL NO SISTEMA ELETRÔNICO DE INFORMAÇÕES DO TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA QUARTA REGIÃO: UM ESTUDO DE CASO	LISIANE ARAUJO CARDOSO
2016	DADOS ABERTOS EM CIDADES INTELIGENTES: PORTAIS DE DADOS ABERTOS POSSIBILITANDO O ACESSO E USO DA INFORMAÇÃO	LUIZA SCHUCH DE AZAMBUJA
2016	LEI DE ACESSO À INFORMAÇÃO: IMPLANTAÇÃO DE REQUISITOS NOS SÍTIOS OFICIAIS DAS CAPITAIS DAS REGIÕES SUL E SUDESTE DO BRASIL	PRISCILLA MARCHIORI DOS SANTOS WELLAUSEN
2016	AS CONTRIBUIÇÕES DO ARQUIVISTA PARA A MATURIDADE EM GESTÃO DO CONHECIMENTO: o caso das instituições privadas do setor de Tecnologia da Informação do Rio Grande do Sul.	GUSTAVO NOGUEIRA DOS REIS
2016	LEI DE ACESSO À INFORMAÇÃO: IMPLEMENTAÇÃO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)	JAIR DIAS
2016	“REQUISITOS PARA CONSTRUÇÃO DE ARQUIVOS” - PUBLICAÇÃO DO CONARQ APLICADA NO ARQUIVO CENTRAL DA UFRGS	PAULA DUARTE SANT’ANNA
2016	A IDENTIFICAÇÃO DOS VALORES DAS INFORMAÇÕES ORGÂNICAS A PARTIR DO MODELO INDÍCIO-EVIDÊNCIA-PROVA	LISIANE BRAGA FERREIRA
2016	ORGANIZAÇÃO DA MAPOTECA DO ARQUIVO HISTÓRICO DO MUSEU ESTADUAL DO CARVÃO	TIAGO FERNANDO MACHADO NUÑEZ
2016	Uma análise dos concursos públicos para Arquivista no Brasil	KARINA XAVIER HOLSTEIN
2016	A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM ARQUIVOLOGIA: uma análise das comunicações livres do Congresso Nacional de Arquivologia no período 2004-2014	CRISTIANO LEON
2016	A GESTÃO DOCUMENTAL COMO FERRAMENTA PARA OTIMIZAÇÃO DAS ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS NO ÂMBITO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL	WILLIAN RODRIGUES ALBANO
2016	PADRE THOMÉ LUIZ DE SOUZA: A importância dos arquivos para a reconstrução da biografia de uma autoridade eclesiástica	KATIA MARIA MATUSIAK

Fonte: Elaborado pela autora.

APÊNDICE B – Ilustração para classificação das grandes áreas temáticas.



Nota 1: Adaptação de VOUTSSÁS MÁRQUEZ, 2016.

Nota 2: Optou-se por permanecer com a classificação em espanhol, conforme o autor.

Nota 3: O desenho não tem o intuito de mostrar as correlações entre as áreas e nem representar o tamanho das mesmas, mas sim fazer o dificultoso isolamento temático para poder categorizar os trabalhos.

Fonte: Elaborado pela autora.

APÊNDICE C – Abordagens Teóricas da Arquivologia da Clássica à Contemporânea (versão resumida)

CLASSIFICAÇÃO	ABORDAGEM	PAÍS/LOCALIZAÇÃO	PERÍODO	OBJETO CIENTÍFICO	NATUREZA CIENTÍFICA	CARACTERÍSTICAS	REPRESENTANTES
Arquivologia Clássica	Manuais	Holanda	A partir de 1898	Ainda que não assim classificado, o documento de arquivo	Ciência	Normalização das atividades com documentos públicos considerados históricos, Descrição, Arranjo e Inventário, divulgação dos Princípios da Proveniência e da Ordem Original. Organicidade [...]	Manual dos Holandeses (Samuel Mueller, Johan Feith e Robert Fruin)
Arquivologia Clássica	Manuais	Itália	A partir da década de 1920	Ainda que não assim classificado, o documento de arquivo	Ciência	Inventário, ordenação, catalogação, guias e índices. [...]	Manual de Eugenio Casanova
Arquivologia Clássica	Manuais	Alemanha	Início século XX	Ainda que não assim classificado, o documento de arquivo	Ciência	Classificação pela função de produção; ausência de obrigação do Arranjo físico dos documentos; três diferentes maneiras de	Manual de Adolf Brennek

Arquivologia Clássica	Manuais	Inglaterra	A partir da década de 1920	Ainda que não assim classificado, o documento de arquivo	Ciência	Ideia de Custódia Contínua; valor de prova do documento de arquivo, avaliação pela administração produtora, verdade arquivística diferente da verdade histórica, <i>Archive Group</i> , Documento com qualidades essenciais - Imparcialidade [...]	Manual de Hilary Jenkinson
CLASSIFICAÇÃO	ABORDAGEM	PAÍS/LOCALIZAÇÃO	PERÍODO	OBJETO CIENTÍFICO	NATUREZA CIENTÍFICA	CARACTERÍSTICAS	REPRESENTANTES
Arquivologia Moderna	<i>Records e Archives; Records Management</i>	Estados Unidos	A partir de meados da década de 1940	Ainda que não assim classificado, o documento de arquivo	Ciência	Foco na Avaliação, <i>record group</i> , teoria Ciclo Vital, Gestão de Documentos, <i>archives e records, records manager e archivists</i> , documentos “modernos” – administrativos, valor primário e secundário [...]	Schellenberg, Ernst Posner, Philip C Brooks
Arquivologia Moderna	Sistema de Séries	Austrália	A partir década de 1960	Ainda que não assim classificado, o documento de arquivo	Ciência	Sistema de Séries, crítica ao <i>archive group</i> e ao <i>record group</i> [...]	Peter Scott, Ian Maclean

CLASSIFICAÇÃO	ABORDAGEM	PAÍS/LOCALIZAÇÃO	PERÍODO	OBJETO CIENTÍFICO	NATUREZA CIENTÍFICA	CARACTERÍSTICAS	REPRESENTANTES
Arquivologia Contemporânea	(TEORIA) Records <i>Continuum</i>	Austrália	A partir metade década de 1990	Informação gerada pelos processos	Ciência	Derivada da existência do mundo digital; baseada na abordagem do “Sistema de Séries”; estabelece uma perspectiva contínua para a gestão de documentos, que não separa os documentos correntes dos permanentes e nem a profissão entre <i>records managers</i> e <i>archivists</i> ; documento de arquivo como entidade lógica e não física; rejeitam a teoria do Ciclo Vital por a considerarem linear e fragmentada	Livia Lacovino; Frank Upward; Xiaomi An; Peter Marchal; Jay Kennedy; Cherry Schauder; Sarah Flynn; Adrian Cunningham; Barbara Reed; Dagmar Parer; Ann Pederson; Sue Mckemmish; Michael Piggot; Chris Hurley

Arquivologia Contemporânea	Pós-Custodial	Portugal	Final da década de 1990.	Informação Social	Disciplina subordinada a Ciência da Informação	Mais ênfase na informação do que nos aspectos físicos e estáticos do documento; dinâmica transdisciplinar e interdisciplinar; defende mudança-ampliação do Objeto científico, isto é, mudança do paradigma custodial para o pós custodial; - critica o conceito de informação orgânica; - Malheiro defende como diferente da Arquivologia pós-moderna	Armando Malheiro; Fernanda Ribeiro
Arquivologia Contemporânea	Arquivística Integrada	Montreal – Quebec/Canadá	Década de 1980	Informação Orgânica	Disciplina autônoma inserida nas Ciências da Informação, <i>dividindo o espaço deste campo de</i>	Negação quanto à divisão americana “Moderna” entre <i>records</i> e <i>archives</i> , (re) construção da	Luis Carlos Lopes; Carol Couture; Jean Yves Rousseau; Jacques Ducharme

Arquivologia Contemporânea	Arquivística Funcional ou Pós Moderna	Canadá Inglês	Final década de 1980	<i>Process-Bound information</i> – informação gerada pelos processos administrativos e organizadas com vistas a recuperar o contexto; Vínculo processual	Disciplina científica	Crítica a Diplomática arquivística; revisita o Princípio da Proveniência com o discurso do “contexto por trás do texto”; paradigma social dos arquivos; influência do sujeito na produção; documento como produto de uma atividade; documento não é considerado imparcial e neutro; análise funcional do processo de criação do	Terry Cook; Hugh Taylor – proclamou a mudança, é inglês, mas em 1965 se mudou para o Canadá; Tom Nesmith; Laura Millar; David Bearman; Eric Ketelaar – Holandês (Archivalization); - Hans Booms; Verne Harris; Ciaran B. [...]
Arquivologia Contemporânea	Diplomática Arquivística ou Contemporânea	Canadá inglês; Itália	Final década de 1980	Documento de Arquivo	Ciência autônoma	Volta aos clássicos (Jenkinson); documento como subproduto de uma atividade; valor probatório; gênese e tipologia documental; texto por trás do contexto; Imparcialidade e a Naturalidade; Propõe a Macroavaliação e a redescoberta da Proveniência;	Luciana Duranti (italiana); Bruno Delmas; Paola Carucci (italiana); Robert Henri-Bautier – pioneiro, década de 1960; - Christopher Brooke

						influenciados pela inserção dos documentos eletrônicos; conceito de Fundo é dinâmico em detrimento de um Fundo estático (realidade dinâmica estática); Arquivos sem muros (não necessariamente físico e deve ser acessível) [...]	
Arquivologia Contemporânea	Estudos sobre Tipologia Documental e Identificação	Espanha	Década de 1980	Arquivo – enquanto conjunto de documentos de arquivo-; documento de arquivo	Ciência autônoma	Fixar os tipos documentais mais recorrentemente produzidos e solicitados, formação de séries documentais, determinar a identidade do documento de arquivo, caracterizar os elementos próprios e exclusivos que conferem essa identidade, [...]	Vicenta Cortés Alonso, Maria Luiza Conde Villaverde

Nota: Adaptação de SCHMIDT, 2012.

Fonte: Elaborado pela autora.

**ANEXO A – Decisão 112/99 CONSUN/UFRGS - Criação do Curso de
Arquivologia da UFRGS**

DECISÃO Nº 112/99

O CONSELHO UNIVERSITÁRIO, em sessão de 30.07.99, tendo em vista o constante no processo nº 23078.000398/95-75, nos termos do parecer nº 137/99 da Comissão de Ensino, Pesquisa, Extensão e Recursos

D E C I D E

aprovar a criação e autorizar o funcionamento do Curso de Graduação em Arquivologia, condicionando sua continuidade à reavaliação a ser realizada em 2 (dois) anos.

Porto Alegre, 30 de julho de 1999.

(O original encontra-se assinado)
WRANA MARIA PANIZZI,
Reitora.

ANEXO B – Resolução 3/2017 COMGRAD/AQL - Diretrizes e Normas do Trabalho de Conclusão em Arquivologia da UFRGS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO COMISSÃO DE GRADUAÇÃO EM ARQUIVOLOGIA

RESOLUÇÃO 03/2017

A COMISSÃO DE GRADUAÇÃO EM ARQUIVOLOGIA (COMGRAD/AQL) no uso de suas atribuições regimentais, atendendo ao disposto na Resolução CNE/CES Nº 20/2002 e na Resolução UFRGS/CEPE Nº 11/2013,

RESOLVE

Instituir as diretrizes e normas para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Arquivologia.

Art. 1º O Trabalho de Conclusão de Curso é o desenvolvimento de uma monografia que visa proporcionar ao acadêmico uma atividade de iniciação à pesquisa científica no campo da Arquivologia.

Art. 2º O Trabalho de Conclusão de Curso é uma atividade curricular de 150 horas em caráter obrigatório.

DO TCC

Art. 3º A monografia, no sentido acadêmico, é o tratamento escrito e aprofundado acerca de um só assunto, de maneira descritiva e analítica, caracterizada pela reflexão. Ela deverá ser elaborada de acordo com os procedimentos de produção do conhecimento científico e utilizando as Normas da ABNT vigentes na entrega do trabalho.

Art. 4º A monografia deverá estar vinculada ao campo da pesquisa em Arquivologia e ter enfoque e bibliografias pertinentes à área.

DO ALUNO

Art. 5º Para realizar o Trabalho de Conclusão de Curso, o acadêmico deverá:

Rua Ramiro Barcelos, nº 2705 – Campus da Saúde – 90035-007 – Porto Alegre – RS – Brasil
Fone 55 51 3308.5067 – FAX 55 51 3308.5435 – e-mail – fabico@ufrgs.br
www.ufrgs.br/fabico



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
COMISSÃO DE GRADUAÇÃO EM ARQUIVOLOGIA**

- a) ter cumprido os pré-requisitos estabelecidos para a atividade na grade curricular do curso;
- b) ter um professor orientador;
- c) ter um projeto de pesquisa conforme as Normas da ABNT, aprovado pelo orientador.

Art. 6º Cabe ao aluno:

- a) solicitar matrícula na atividade, junto à secretaria da FABICO, através de preenchimento de formulário específico, devidamente preenchido e assinado pelo orientador;
- b) cumprir todos os prazos da atividade definidos em calendário no início do semestre letivo pela COMGRAD/AQL e aqueles combinados com o orientador;
- c) fornecer, sempre que solicitado, informações sobre o desenvolvimento do TCC;
- d) desenvolver o TCC demonstrando reflexão, argumentação e coerência;
- e) entregar, no prazo definido, a monografia elaborada conforme as normas da ABNT;
- f) entregar 03 (três) cópias do trabalho na Secretaria da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, conforme calendário divulgado no início do semestre;
- g) fazer a defesa pública da monografia para uma banca examinadora.

Parágrafo Único: A Secretaria se responsabilizará pela entrega do TCC à banca examinadora e ao orientador, exceto quando os componentes da banca forem membros externos à unidade – neste caso, o aluno deve entregar o TCC diretamente aos membros externos.

Art. 7º O aluno deverá realizar as alterações solicitadas pela Banca Examinadora e, até o prazo definido pela COMGRAD/AQL, entregar na Secretaria da FABICO a versão final da monografia, em formato e suporte definidos pela COMGRAD, com o visto do orientador, sob pena de reprovação.

DA ORIENTAÇÃO

Art. 8º A monografia será conduzida sob a orientação de professores ativos do Departamento de Ciências da Informação da UFRGS.

Parágrafo Único: Excepcionalmente poderá ser aceito orientador de outro Departamento da UFRGS desde que previamente aprovado pela COMGRAD/AQL.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
COMISSÃO DE GRADUAÇÃO EM ARQUIVOLOGIA**

Art. 9º O trabalho poderá contar com a co-orientação de um pesquisador, professor ou profissional da área, em comum acordo com o orientador. O co-orientador não poderá ser um dos membros avaliadores da banca.

Parágrafo Único: O trabalho poderá contar com a co-orientação de doutorandos do PPGCOM da UFRGS, desde que sob a concordância do respectivo orientador.

Art. 10º O orientador da monografia deverá:

- a) avaliar o plano de trabalho proposto pelo aluno para o cumprimento da elaboração do trabalho;
- b) prestar orientação durante o desenvolvimento da pesquisa e redação da monografia;
- c) realizar encontros com o orientando ao longo do semestre;
- d) verificar se as alterações solicitadas pela banca foram atendidas na versão final do TCC.

DA BANCA EXAMINADORA

Art. 11º A Banca Examinadora será composta pelo orientador e por mais dois membros.

Art. 12º Poderão compor a banca examinadora:

- a) professores ativos do Departamento de Ciências da Informação da UFRGS;
- b) professores ativos do quadro permanente de outro Departamento da UFRGS ou de outras Instituições de Ensino Superior, desde que atuem na área de abrangência da monografia;
- c) pesquisadores e profissionais graduados há pelo menos três anos e com experiência relacionada ao objeto de estudo da monografia, limitado a um membro.

Art. 13º O orientador da monografia será o presidente da Banca, podendo ser substituído pelo co-orientador, se houver.

Art. 14º A banca examinadora da monografia deverá:

- a) reunir-se em dia e hora previamente definidos para a defesa pública da monografia;
- b) arguir o aluno, podendo sugerir modificações no trabalho;
- c) atribuir o conceito final da monografia;
- d) registrar o conceito final na ata de defesa, que será assinado por todos os membros da Banca Examinadora.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
COMISSÃO DE GRADUAÇÃO EM ARQUIVOLOGIA**

Art. 15º O conceito final do aluno será atribuído em comum acordo entre os dois avaliadores, levando-se em consideração o trabalho escrito e a defesa oral. São conceitos de aprovação A (ótimo), B (bom), C (regular). O conceito de reprovação é D.

DA AVALIAÇÃO DO TRABALHO ESCRITO

Art. 16º Para a avaliação do trabalho escrito deverão ser observados os seguintes critérios:

- a) conteúdo (relevância do tema, contextualização do trabalho, aporte teórico, metodologia, análises e conclusões, bibliografia utilizada)
- b) organização e estrutura do trabalho (clareza, completude)
- c) aspectos formais (normas da ABNT e competência linguística).

DA AVALIAÇÃO DA DEFESA

Art. 17º Para a avaliação da apresentação oral deverão ser observados os seguintes critérios:

- a) clareza na exposição;
- b) domínio do tema;
- c) capacidade de argumentação;
- d) observação do tempo estabelecido para a apresentação.

Art. 18º A defesa da monografia deverá ser feita pelo acadêmico de maneira oral e presencial diante da Banca Examinadora.

Art. 19º O aluno terá 15 minutos para a sua apresentação. Cada membro da Banca, à exceção do presidente, terá 10 minutos para arguições, e o aluno terá 10 minutos para responder às questões feitas.

Parágrafo Único - Ao presidente da banca, caberá zelar pela observância dos limites de tempo de fala dos membros da banca e do aluno, não devendo o tempo total da defesa, incluindo a reunião da banca para deliberação sobre conceito final, ultrapassar 60 minutos.

DA COMGRAD/AQL

Art. 20º Cabe à COMGRAD/AQL, com apoio do Setor Acadêmico da FABICO realizar a matrícula presencial do aluno, após a entrega do formulário de matrícula devidamente preenchido.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
COMISSÃO DE GRADUAÇÃO EM ARQUIVOLOGIA**

Art. 21º A COMGRAD/AQL elaborará o cronograma do TCC para cada novo semestre letivo, contendo:

- a) período da matrícula dos alunos, com entrega do formulário específico na secretaria;
- b) prazo final para entrega da solicitação de cancelamento de apresentação do TCC na secretaria da FABICO;
- c) prazo final para entrega do formulário de Indicação de Banca;
- d) prazo final para entrega das monografias na secretaria da FABICO;
- e) período de defesa das monografias;
- f) prazo final para a entrega das monografias revisadas na secretaria da FABICO.

Parágrafo único: todos os formulários relativos a esta atividade curricular estarão disponíveis tanto no site quanto na Secretaria da FABICO.

Art. 22º Cabe à COMGRAD/AQL, com apoio do Setor Acadêmico da FABICO integralizar os conceitos no Sistema de Graduação da UFRGS.

Art. 23º Os casos omissos nesta Resolução serão resolvidos pela COMGRAD/AQL.

Art. 24º Revogam-se as disposições em contrário.

Porto Alegre, 31 de Janeiro de 2017

Valéria Raquel Bertotti
Coordenadora da Comgrad/AQL

ANEXO C – Relatório Lume sobre TCCs do Curso de Arquivologia da UFRGS, entre 2009 e maio de 2018.

Downloads por país

País	Downloads
 Brasil	65691
 Alemanha	32309
 Estados Unidos	4958
 China	3687
 Portugal	2235
? Outros	1897
 Moçambique	1094
 França	498
 Angola	289
 Canadá	273
 Cabo Verde	107
 Coreia do Sul	104
 Reino Unido	95
 Japão	93
 Espanha	79
 Argentina	76
 Europa	76
 Ucrânia	69
 Irlanda	64
 Holanda	61
 Rússia	56
 Peru	43
 Austrália	39
 Uruguai	38
 Itália	33
 Polônia	32
 Noruega	30
 México	27
 Vietnã	27
 Colômbia	25
 Romênia	21
 África do Sul	21

Acessos por país

País	Acessos
 Brasil	50129
 Estados Unidos	7779
 China	2726
? Outros	1899
 Portugal	1844
 França	1415
 Moçambique	1043
 Alemanha	1023
 Canadá	438
 Angola	178
 Japão	171
 Equador	163
 Coreia do Sul	98
 Espanha	94
 Europa	84
 Reino Unido	80
 Argentina	74
 Cabo Verde	57
 Índia	50
 Colômbia	48
 Holanda	48
 Peru	45
 Polônia	42
 Rússia	34
 Irlanda	32
 Vietnã	30
 Hong Kong	29
 Romênia	28
 Itália	27
 México	25
 Costa do Marfim	21
 Venezuela	21

 Venezuela	20	 Senegal	19
Região da Ásia/Pacífico	18	 Chile	18
 Suíça	17	 Bulgária	14
 Chile	15	 República Checa	14
 São Tomé e Príncipe	14	 Noruega	14
 Índia	11	 Uruguai	14
 Bélgica	9	 Ucrânia	12
 República Dominicana	9	 Austrália	11
 Eslováquia	9	Região da Ásia/Pacífico	10
 Cuba	7	 Cuba	9
 Hong Kong	7	 Suécia	9
 Macau	7	 Taiwan	9
 Suécia	7	 Macau	8
 Timor Leste	7	 Turquia	8
 Proxy Anônimo	6	 Provedor Satélite	7
 Senegal	6	 República Dominicana	7
 Taiwan	6	 Tailândia	7
 Bahrein	5	 Proxy Anônimo	6
 Costa Rica	5	 Áustria	6
 República Checa	5	 Bélgica	6
 Luxemburgo	5	 Indonésia	6
 Paraguai	5	 São Tomé e Príncipe	6
 Turquia	5	 África do Sul	6
 Provedor Satélite	4	 Suíça	5
 Bulgária	4	 Costa Rica	4
 Dinamarca	4	 Gana	4
 Guiné-Bissau	4	 Israel	4
 Tailândia	4	 Malásia	4
 Equador	3	 Quênia	3
 Egito	3	 Lituânia	3
 Hungria	3	 Namíbia	3
 Indonésia	3	 Sérvia	3
 Quênia	3	 Eslováquia	3
 Kuwait	3	 Timor Leste	3
 Lituânia	3	 Emirados Árabes Unidos	2
 Marrocos	3	 Bahrein	2

 Malásia	3	 Egito	2
 Panamá	3	 Finlândia	2
 Cingapura	3	 Grécia	2
 Áustria	2	 Guiné-Bissau	2
 Finlândia	2	 Kuwait	2
 Israel	2	 Luxemburgo	2
 Irã	2	 Moldova	2
 Islândia	2	 Cingapura	2
 Moldova	2	 Antilhas Holandesas	1
 Namíbia	2	 Bermuda	1
 Nigéria	2	 Bolívia	1
 Zâmbia	2	 Bielorrússia	1
 Afeganistão	1	 Guatemala	1
 Albânia	1	 Croácia	1
 Burkina Faso	1	 Hungria	1
 Benin	1	 Iraque	1
 Bolívia	1	 Lesoto	1
 Botswana	1	 Letônia	1
 Bielorrússia	1	 Myanmar	1
 Chipre	1	 Mongólia	1
 Djibouti	1	 Malawi	1
 Estônia	1	 Nigéria	1
 Guatemala	1	 Filipinas	1
 Jordânia	1	 Reunião	1
 Laos	1	 Síria	1
 Myanmar	1	 Trinidad e Tobago	1
 Maurício	1		
 Maldivas	1		
 Nova Zelândia	1		
 Porto Rico	1		
 Catar	1		
 Seychelles	1		
 Sudão	1		
 Eslovênia	1		
 Tunísia	1		

Fonte: Estatísticas disponibilizadas pelo Repositório Digital da UFRGS – Lume, em maio de 2018.